

Revista Adventista

Ano 77 · Nº 827 · €1,90

Abril 2016

*Novas provas
científicas
abamam a teoria
da Macroevolução*

A CIÊNCIA A CAMINHO DA FÉ?



**AS RAZÕES QUE ME
FAZEM FICAR**
Boas razões para ser
Adventista.

06



A TRINDADE
Que diferença faz?

16



**O DESTINO DA
EUROPA**

O que nos diz Daniel 2
sobre o reino eterno de
Deus?

22

Lede, por favor, Isaías 58. [...] Esta é a obra especial que está agora diante de nós. Toda a nossa **oração** e abstinência de **alimentos** de nada valerá, a menos que resolutamente lancemos mão desta **obra**. Sobre nós repousam sagradas obrigações. O nosso **dever** é claramente exposto. O Senhor nos falou por meio do Seu profeta. Os pensamentos do Senhor e os Seus caminhos não são o que mortais cegos e egoístas creem que são ou desejam que sejam. O Senhor olha para o **coração**. Se aí habita o egoísmo, Ele o sabe. Podemos procurar esconder dos nossos irmãos e das nossas irmãs o nosso **verdadeiro caráter**, mas Deus o conhece.

D'Ele nada se pode esconder.

ELLEN G. WHITE, *BENEFICÊNCIA SOCIAL*, CPB, [S. D.], PP. 29 E 30.



CHAMADOS PARA SERVIR

"De graça recebestes, de graça dai." Mateus 10:8.

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock
E-mail: revista.adventista@pservir.pt

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes

Paulo Santos
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda.
Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

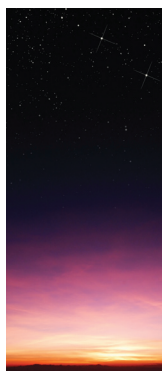


INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

14

O que era a luz criada no primeiro dia da semana da Criação?

Embora nenhum observador humano tenha estado presente na Criação, temos o registo inspirado de Moisés.



EVANGELISMO

30

Notando onde Deus já está a trabalhar

Cada vez que alguém vem a Cristo, descobre-se que Deus já estava a trabalhar com essa pessoa muito antes de nós aparecermos.



VIDA CRISTÃ

34

O que realmente conta

O homem a quem todos chamavam "Bendito" simplesmente não se sentia bendito.



04 A CRIAÇÃO
EDITORIAL

05 MEMO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS NACIONAIS

20 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

33 TEM CORREIO
ESPAÇO JUVENIL

06 AS RAZÕES QUE ME FAZEM FICAR > TEOLOGIA
Coloco a mim mesmo a pergunta: "Quero eu ficar na Igreja Adventista do Sétimo Dia?"

10 NOVAS PROVAS CIENTÍFICAS ABANAM A TEORIA DA MACROEVOLUÇÃO > ARTIGO DE FUNDO

Esperamos convencer os adeptos da Teoria da Evolução de que há uma alternativa melhor e mais viável.

16 A TRINDADE > DEVOCIONAL
Porque é tão importante o conceito bíblico da Trindade?

22 O DESTINO DA EUROPA > BÍBLIA
Vamos continuar a interpretar o sonho de Nabucodonosor II, nomeadamente a parte que descreve a instauração do reino eterno de Deus.





A Criação

O Criacionismo e o Evolucionismo surgem como teorias opostas e estão presentes nos grandes debates públicos contemporâneos. A Ciência tem sido utilizada por alguns para distanciar os homens da fé, tendo sido colocada no campo oposto ao desta. Os seguidores do Evolucionismo dão maior credibilidade à Ciência do que à fé. Tendem a negar e, até, a ridicularizar a existência de um ato de criação, logo também a existência do Criador. Apesar de existirem várias teorias para explicar a origem deste mundo, menciono apenas as duas mais conhecidas atualmente: a Teoria da Evolução e a Teoria da Criação. Lamento imenso que os homens tenham a ousadia de discutir a existência de Deus como se fosse uma mera teoria. Quem é o ser mais interessado em que a Humanidade não reconheça Deus como seu Criador? Para nós, crentes Adventistas, a existência de Deus não é nenhuma hipótese ou teoria, pois temos a certeza da sua demonstração através da experiência do amor de Deus por nós.

A Criação é deveras importante para aquele que crê em Deus. Ela ocupa um lugar fundamental na mensagem da Igreja Adventista do Sétimo Dia, porque garante o futuro deste Planeta e, consequentemente, o futuro de cada

ser humano. O Cristão Adventista não tem qualquer dúvida de que Deus criou o mundo em seis dias e ao sétimo descansou. Ao aceitar que Deus criou todas as coisas, também aceitaremos que Deus Se fez homem para ser o nosso Salvador (João 1:1-3). Quer no Antigo, quer no Novo Testamentos, o nome de Deus surge inúmeras vezes acompanhado do adjetivo “Criador”. Era e é uma necessidade constante fazer lembrar aos homens que a sua origem está em Deus e não nas entidades materialistas postuladas pela Ciência ou por outra qualquer teoria humana. É grave que muitos seres humanos continuem a rejeitar o Deus Criador, porque a mensagem escatológica dos três anjos de Apocalipse 14, ou seja, a mensagem da Criação, da Segunda Vinda de Jesus e do juízo final, faz parte da mensagem do Evangelho eterno, a ser proclamada a todos os habitantes do Planeta. Como estamos a viver os últimos dias da história desta Terra, pervertida pelo pecado, a tentativa de negação da doutrina da Criação será o grande objetivo do inimigo. Levar a Humanidade ao ceticismo a respeito de Deus, não só como Criador, mas também como Juiz, é o objetivo primário da Teoria da Evolução. Negar que Deus é o Criador é negar subtilmente a existência de Deus. Como poderemos aceitar

que Deus irá criar um novo Céu e uma nova Terra (como está escrito em Isaías 65:17), caso ponhamos em dúvida o poder criador de Deus? O apóstolo Pedro escreveu de maneira a sentenciar aqueles que ridicularizam o ato criador de Deus e que escolhem a mentira em lugar da verdade. Ele escreveu: “Sabendo primeiro isto, que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Eles voluntariamente ignoram isto, que pela palavra de Deus já desde a Antiguidade existiram os céus, e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste. Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio. Mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios” (II Pedro 3:3-7).

Devemos ser cuidadosos e não descuidados. Rejeitar a Criação é rejeitar o Sábado, é rejeitar a autoridade da Bíblia, é rejeitar a verdade eterna. ✠

• **Pr. Antônio Rodrigues,**
presidente da UPASD

MEMO

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

abril

01-03	Congresso da Escola Sabatina e do Ministério Pessoal
02	Dia das Publicações / Dia de Jejum e Oração
08-10	Encontro de Famílias (R. E. Lisboa e Vale do Tejo)
09	Dia das Visitas
16	Distribuição Nacional do Livro Missionário
17	Atividades Sociais das Igrejas Locais
29/04-01/05	Congresso Nacional de Universitários

maio

01-08	Campanha Nacional da ADRA
14-21	Campanha de Evangelização

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

abril

04-08	Associação Central Renana (SGU)
11-15	União Austríaca (AU)
18-22	União Romena (RU)
25-29	Centro Multimédia <i>Stimme der Hoffnung</i> (EUD)

maio

02-06	Seminário Teológico de Sagunto (SpU)
09-13	Universidade Adventista de França (EUD)
16-20	Casa Publicadora Safeliz (EUD)
23-27	Seminário Teológico Bogenhofen (AU)
30/05-03/06	Clínica La Lignière (EUD)

ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

27/04	Quarta-feira
16/05	Segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

8/05	Domingo
------	---------

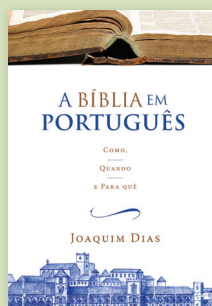


BANCO DE LEITURA

A Bíblia em Português

Joaquim Dias

No ano de 2015, o Pastor Joaquim Dias publicou *A Bíblia em Português: Como, Quando e Para Quê*. Este livro de 304 páginas é, em



parte, a publicação da Tese de Mestrado do autor, defendida na Universidade de Andrews. De facto, a Parte I e II apresenta-nos o modo como a Bíblia foi vista, lida e traduzida no nosso país, praticamente desde a sua fundação, no longínquo século XII. Estuda-se a relação de destacadas personalidades da cultura portuguesa com a Bíblia,

como o Rei Dom Duarte ou o poeta Luís de Camões. São também afluídos os primeiros passos para a tradução da Bíblia e o relevante papel desempenhado nesse âmbito por João Ferreira de Almeida e António Pereira de Figueiredo. Também se abordam os novos desafios que a Bíblia enfrenta na presente era de mudança. Na Parte III, o autor apresenta uma síntese de cada livro do Antigo e do Novo Testamentos e, também, um interessante capítulo sobre a descodificação da linguagem profética, que oferece a chave interpretativa para a decifração dos livros apocalípticos da Bíblia. Outro importante contributo desta Parte III do livro é a apresentação de um resumo sistemático de vinte temas bíblicos que funcionam como uma espécie de estudos bíblicos comentados. São abordados aqui os principais temas doutrinários da Bíblia. Podemos, pois, afirmar sem medo de errar que este livro do Pastor Dias é uma boa introdução ao estudo das origens da Bíblia em Português. Se o Leitor deseja saber mais sobre como veio à luz a tradução portuguesa da Bíblia que usa, este é o livro a consultar. Ele dar-lhe-á todas as informações essenciais sobre o assunto. ¶

Paulo Lima
Redator da Revista Adventista

As razões que *me fazem ficar*

Para ser honesto, de tempos a tempos sinto-me frustrado com a minha Igreja. Por vezes, sinto que ela está um pouco desarmonizada com o mundo em que vivo. Por vezes, fico aborrecido por causa do seu procedimento burocrático e por causa do que me parecem ser falhanços frequentes na sua tentativa de resol-

ver questões importantes. E, sim, eu preciso de uma porção dupla ou tripla de graça para interagir com algumas pessoas na Igreja.

Mas, apesar de tudo isto, eu estou contente com a minha Igreja. Ela tem sido parte da minha vida desde a minha primeira infância. A Igreja conferiu estrutura à minha vida. A maior parte (talvez

até de mais) da minha vida social ocorre nos limites da Igreja. Tenho tido missões interessantes e desafiadoras em vários continentes e tenho, consequentemente, viajado por todo o mundo.

No entanto, eu percebo que apenas estes fatores não podem ser decisivos quando coloco a mim mesmo a pergunta: “Que-

**DEZ COISAS
EM QUE DEVE
PENSAR ANTES
DE DESISTIR
DA IGREJA**

ro eu ficar na Igreja Adventista do Sétimo Dia?” Afinal, muitos abandonam a Igreja ou não estão certos de quererem ficar nela.

Mas, e eu? Tenho-me colocado esta pergunta de tempos a tempos, e na minha reflexão descobri dez razões que me fazem ficar na Igreja.

1. Eu quero ser Cristão

Tudo começa com esta percepção básica: eu sou um ser religioso. É claro que também sou afetado pelo secularismo exacerbado presente na sociedade dos dias de hoje. Eu ouço as vozes que proclamam que Deus morreu, ou que, na melhor das hipóteses, Ele é um Senhorio ausente ou é uma dimensão espiritual impessoal da realidade que nos cerca. Mas eu fiz uma escolha: Eu quero ser Cristão.

Eu creio num Deus que é o originador de tudo; o Criador a Quem devo prestar contas. Creio que Ele veio ao encontro das minhas necessidades mais fundamentais, ao entrar no mundo, na pessoa do Seu Filho, Jesus Cristo. Admiro muitas facetas de outras religiões mundiais, mas creio firmemente que a religião de Jesus Cristo é única. “Porque também, debaixo do céu, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos” (Atos 4:12).

2. Eu quero ser um Cristão Evangélico

Vendo as centenas de diferentes denominações, concluo que muitas delas professam o que eu chamo “Cristianismo diluído”. Em muitas Igrejas, a Bíblia já não é vista como a Palavra de Deus plena de autoridade. Eu acharia ser impossível pertencer a uma Igreja que trata a Bíblia como se ela fosse um livro de histórias, que pode conter histórias edificantes, mas

que não reflete necessariamente qualquer realidade histórica.

Eu creio no Deus da Bíblia, que é simultaneamente infinito e próximo. Não posso ficar contente com a crença num poder espiritual impessoal. Desejo dirigir-me a um Deus que é tanto meu Criador como meu Pai. Acho pouco atraente crer num Cristo que pode ter sido um bom homem, mas que não é o Mediador divino que veio resolver o problema dos meus pecados. Eu quero ser um Cristão do tipo “evangélico”.

3. Eu quero seguir a verdade

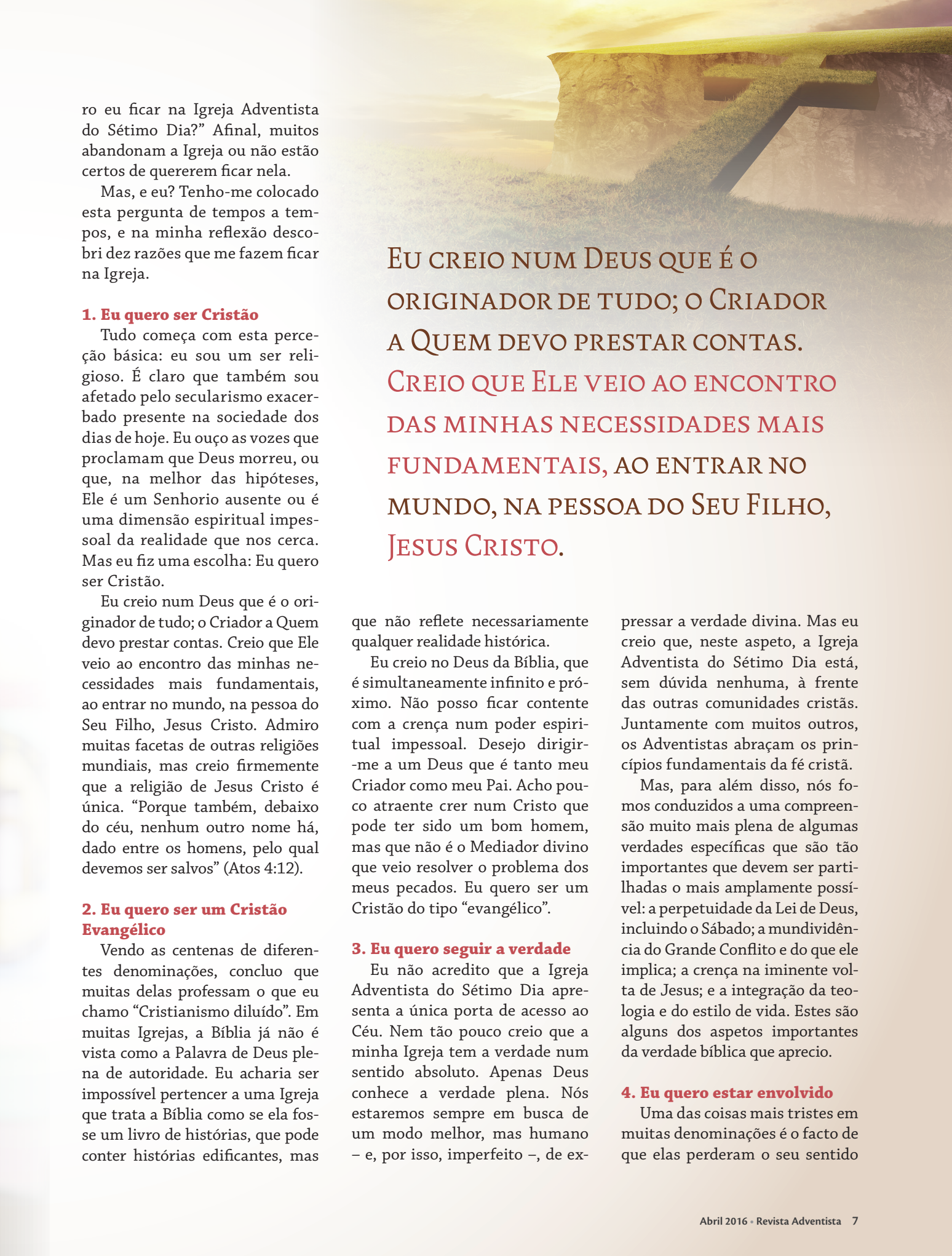
Eu não acredito que a Igreja Adventista do Sétimo Dia apresenta a única porta de acesso ao Céu. Nem tão pouco creio que a minha Igreja tem a verdade num sentido absoluto. Apenas Deus conhece a verdade plena. Nós estaremos sempre em busca de um modo melhor, mas humano – e, por isso, imperfeito –, de ex-

pressar a verdade divina. Mas eu creio que, neste aspeto, a Igreja Adventista do Sétimo Dia está, sem dúvida nenhuma, à frente das outras comunidades cristãs. Juntamente com muitos outros, os Adventistas abraçam os princípios fundamentais da fé cristã.

Mas, para além disso, nós fomos conduzidos a uma compreensão muito mais plena de algumas verdades específicas que são tão importantes que devem ser partilhadas o mais amplamente possível: a perpetuidade da Lei de Deus, incluindo o Sábado; a mundividência do Grande Conflito e do que ele implica; a crença na iminente volta de Jesus; e a integração da teologia e do estilo de vida. Estes são alguns dos aspetos importantes da verdade bíblica que aprecio.

4. Eu quero estar envolvido

Uma das coisas mais tristes em muitas denominações é o facto de que elas perderam o seu sentido



EU CREIO NUM DEUS QUE É O
ORIGINADOR DE TUDO; O CRIADOR
A QUEM DEVO PRESTAR CONTAS.
CREIO QUE ELE VEIO AO ENCONTRO
DAS MINHAS NECESSIDADES MAIS
FUNDAMENTAIS, AO ENTRAR NO
MUNDO, NA PESSOA DO SEU FILHO,
JESUS CRISTO.

de missão. Muitas Igrejas Cristãs já não se estão a expandir, mas lutam apenas para sobreviver. Algumas parecem estar completamente perdidas e parecem ter aceite o facto de que estão, provavelmente, a uma geração da extinção. Em comparação, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento dinâmico. Cada dia cerca de 3000 novos membros ingressam nas suas fileiras.

Atualmente a Igreja tem 18 milhões de membros. Por que razão a nossa Igreja cresce tão rapidamente? Porque ela reteve o seu sentido de missão – ela dirige-se para um alvo. Eu sei que não me devo deixar levar por uma euforia acrítica. O crescimento da Igreja é muito desigual. Em alguns países ocidentais, particularmente entre a população caucasiana, a Igreja cresce muito pouco, se é que cresce. E a Igreja enfrenta um desafio tremendo no mundo islâmico, bem como nos centros urbanos de todo o mundo. No entanto, o Adventismo está em movimento e é muito bom fazer parte dele.

5. Eu tenho orgulho de pertencer a uma Igreja que quer servir o mundo

Eu conheço os perigos de uma Igreja “institucionalizada”. Nunca devemos esquecer, primeiro e antes de mais, que a Igreja são as pessoas e as congregações locais, assentando na promoção do evangelismo e do crescimento espiritual.

Mas a Igreja é mais. Ela tem responsabilidades para com os seus membros e para com o mundo. Ela deve trabalhar em favor dos pobres e necessitados. Ela tem muito a oferecer nas áreas dos cuidados de saúde e da educação para a saúde, bem como na área da educação em geral.

Eu estou perfeitamente ciente dos desafios que a Igreja enfrenta em muitas das suas instituições – desafios nas áreas das finanças, dos recursos humanos, e da filosofia. Mas, tendo visitado centenas de escolas Adventistas, hospitais e projetos da ADRA em mais de 60 países, as referidas preocupações são eclipsadas por um sentimento de orgulho e de

gratidão. É verdadeiramente fantástico pertencer a uma Igreja que fundiu as atividades do “coração” e da “mão” numa tal escala global.

6. A minha Igreja liga a teologia com o estilo de vida

Se a religião quer ter significado, deve ser relevante. A Igreja Adventista do Sétimo Dia deve enfrentar o desafio constante para assegurar que a sua mensagem é “Verdade Presente” – que ela fala sobre as necessidades reais das pessoas que estão no século XXI. Muito antes do termo “holístico” se ter tornado parte do vocabulário dos dias de hoje, os Adventistas desenvolveram a sua doutrina sobre a unidade fundamental do corpo e da mente.

Os cuidados com o corpo enquanto dimensão religiosa são parte do génio do Adventismo. Infelizmente é verdade que os princípios de estilo de vida Adventistas têm frequentemente sido reduzidos a uma lista de coisas a “fazer” e a “não fazer”. A Igreja deve continuar a reiterar os



princípios subjacentes e a desafiar os seus membros a aplicá-los, de modo livre e responsável, na sua própria situação. Esta aproximação holística à religião não apenas é atraente para mim, mas também para muitos que pertencem às gerações mais jovens.

7. A Igreja Adventista está cada vez mais centrada em Cristo

Eu estou grato pela manifestação da tendência para nos focarmos de forma cada vez mais clara em Cristo. Relacionado com isto está a mudança de uma ênfase nas obras como meios de salvação para um foco na graça como o fundamento da nossa redenção. O estudo da história Adventista revela que esta mudança não ocorreu da noite para o dia, e não ocorreu sem tensões. E qualquer pessoa que tenha analisado o Adventismo atual sabe que, mesmo agora, ainda existem bolsas na Igreja onde o legalismo e a justiça pelas obras continuam a fazer estragos.

Mas, graças a Deus, à medida que o Adventismo amadureceu, ele tornou-se cada vez mais centrado em Cristo. E Ellen White desempenhou um papel verdadeiramente profético neste caminho.

8. Eu agradeço a Deus por uma Igreja que pode mudar

Nem todas as mudanças são positivas, mas uma ausência total de mudança é o pior que pode acontecer. O mundo do século XXI difere dramaticamente da vida nos séculos XIX e XX. Felizmente, a Igreja tem mudado à medida que o tempo passa. Os Adventistas do Sétimo Dia não pararam o relógio, nem se recusam a olhar para o calendário.

Nós mudamos no que cremos, à medida que as nossas posições doutrinárias se foram cristalizando. Nós mudamos no modo como

**“Nada temos a
temer quanto ao
futuro, exceto
se esquecermos
o modo como
o Senhor nos
conduziu até aqui
e os Seus ensinamentos
na nossa história
passada.”**

nos organizamos, à medida que o pequeno movimento americano dos nossos pioneiros se tornou numa Igreja mundial. Nós mudamos no modo de “fazer” Igreja. Nós mudamos no modo como comunicamos a nossa mensagem.

É necessária mais mudança. Mas o facto de que a Igreja tem sido capaz de mudar no passado dá-me esperança de que ela será capaz de continuar a fazê-lo no futuro.

9. Eu pertenço a uma Igreja com um passado inspirador

Sendo detentor de um grau académico em História da Igreja, sempre estive interessado no passado. No entanto, apesar do que alguns dizem, o passado não pode ser novamente vivido. E é muito frequente que o passado seja idealizado por pessoas que têm apenas um conhecimento vago dos factos. Nós podemos sempre aprender com a História, e dificilmente poderemos compreender o presente, se não temos noção do passado.

O Adventismo do Sétimo Dia tem uma história fascinante. Ela

contém páginas de fraqueza humana e até de erros, mas o fio subjacente à sua trama manifesta visão e dinamismo. Todos os protagonistas eram pecadores, mas muitos eram verdadeiros heróis da fé e líderes inspirados, frequentemente com enorme sacrifício pessoal.

Como são verdadeiras as conhecidas palavras de Ellen White: “Nada temos a temer quanto ao futuro, exceto se esquecermos o modo como o Senhor nos conduziu até aqui e os Seus ensinamentos na nossa história passada” (*Life Sketches*, p. 196).

10. A Igreja tem uma mensagem para o futuro

O Adventismo do Sétimo Dia não está apenas preocupado com o passado e com o presente. Ele olha também para o futuro. Eu confesso que não estou muito interessado numa cronologia dos eventos finais. Mas estou interessado no nosso futuro eterno.

A compreensão Adventista da História e da grande verdade sobre a Segunda Vinda de Cristo provê um enquadramento que confere sentido e esperança. Portanto, eu gosto de cantar aquele hino que foi composto para a Assembleia da Conferência Geral de 1962: “Ó que esperança vibra em nosso ser, pois aguardamos o Senhor!”

Estas são, de modo breve, dez razões que me fazem querer ficar na Igreja Adventista do Sétimo Dia. A Igreja está longe de ser perfeita. Mas, depois de considerar as minhas opções, devo concluir que não tenho qualquer outra alternativa viável. Por mais imperfeita que possa ser, esta é a comunidade a que eu quero pertencer! ✨

• Reinder Bruinsma
Pastor



Novas provas o abancam a teoria da Macr

Enquanto cientistas que aceitam a intenção literal do relato sobre as origens do Gênesis, já enfrentamos muitos desafios à nossa fé durante os nossos estudos universitários e, posteriormente, como cientistas profissionais. Por vezes, estes desafios deixaram-nos abalados, intrigados ou inseguros sobre o que fazer com uma determinada informação. Fomos levados frequentemente a cair de joelhos e a voltarmos-nos para a Palavra de Deus para termos a certeza de que avançávamos na direção correta. Assim, fomos sempre dirigidos no sentido de analisarmos mais cuidadosamente os dados científicos em que se baseavam os desafios que nos eram colocados.

Um dos maiores desafios tem sido a questão da macroevolução. A teoria da macroevolução afirma que as primeiras células vivas, e todos os tipos de vida, são o resultado de processos naturais não direcionados que ocorreram sem a intervenção de um Agente externo (isto é, sem a intervenção de Deus). Esta teoria tornou-se dominante no século XIX, quando os cientistas nada sabiam sobre a complexidade das células vivas. Seria assim fácil crer que uma célula podia ter surgido espontaneamente quando ela era vista como pouco mais do que um saco cheio de fluido.

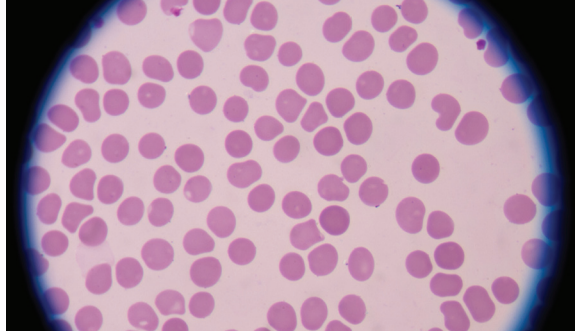
Entra o ADN. Ao aprendermos mais sobre a complexidade celular, incluindo o ADN, no século XX, os

cientistas naturalistas não tiveram outra escolha senão acreditar que este espantoso sistema de moléculas que está subjacente a todas as formas de vida tinha sido originada por acidente. Que outra teoria existia então para o explicar? Certamente eles não podiam aceitar a ideia de um Criador, dado que as suas pressuposições naturalísticas proibiam essa possibilidade. Agora que estamos no século XXI, três descobertas cruciais vieram minar os fundamentos em que repousa a teoria da origem evolutiva da vida.

Primeira descoberta: O Projeto do Genoma Humano

Os dois por cento. Em 1990, o *Projeto do Genoma Humano* foi iniciado como um grande esforço por um largo contingente de cientistas para determinar toda a sequência de informação do ADN humano. Os cientistas descobriram, para sua grande perplexidade, que apenas uma pequena fração (cerca de 2%, isto é, cerca de 20 000 genes) do ADN humano está codificada para as proteínas





Científicas e evolução



(isto é, contém instruções para a produção de proteínas específicas); no entanto, sabia-se que cerca de 100 000 proteínas diferentes eram criadas em células humanas. Esta discrepância exigia uma explicação e essa explicação era espantosa. Veio a revelar-se que aquelas porções do ADN que codificavam uma sequência de aminoácidos numa proteína (exons) podiam ser combinadas de vários modos para produzir diferentes proteínas. Isto explicou como é que apenas 2 por cento do nosso ADN podia produzir tantas proteínas diferentes.

Tornou-se evidente que teria de haver outro nível de controlo para determinar que exons se uniriam e em que ordem seriam colocados para produzir a proteína apropriada. Depois teria de haver um nível adicional de controlo para regular isso, e assim por diante. Este sistema de gestão com vários níveis do ADN estava para além do que se tinha anteriormente previsto acerca da complexidade do sistema genético.

Os noventa e oito por cento.

O que estavam a fazer os outros noventa e oito por cento do ADN? Os biólogos evolucionistas tinham já há muito tempo decidido que o ADN que não codificava diretamente a formação de proteínas deveria ser “ADN Lixo”. Este ADN não funcional, declararam eles, estava a ser modificado por mutações casuais de modo a produzir genes que, quando se revelassem funcionais, se tornariam parte do genoma do organismo. Através deste processo, ao longo do tempo, um anfíbio poderia tornar-se num réptil, um réptil podia tornar-se num mamífero e um mamífero poderia tornar-se num ser humano. De facto, o “ADN Lixo” tornou-se rapidamente num argumento forte em favor da evolução entre os biólogos.

Mas havia sarilhos a caminho. Uma nova e ampla iniciativa, chamada o *Projeto ENCODE*, foi lançada para descobrir o que faziam os noventa e oito por cento do ADN que não estavam a codificar a produção de proteínas. Em setembro

de 2012, os responsáveis pelo projeto publicaram simultaneamente uma série de artigos científicos sobre os resultados da sua investigação.¹ O consórcio anunciou que pelo menos oitenta por cento, e provavelmente mais, do ADN humano que tinha sido caracterizado como “lixo” eram ADN funcional. Não só funcional, como também criticamente importante.

Muito destes noventa e oito por cento do ADN que não codificavam diretamente a produção de proteínas estava a regular o sistema de produção de proteínas; era parte do controlo multifuncional do sistema genético. Os Evolucionistas foram céleres a condenar o relatório, apesar de mais de 400 dos melhores biólogos moleculares do mundo terem estado a trabalhar no projeto. Mas os resultados foram validados cientificamente e são agora amplamente aceites.

Os genes de codificação da produção de proteínas – dois por cento do ADN² – são muito semelhantes em todos os animais. Nós



partilhamos setenta por cento dos nossos genes de codificação de proteínas (70% de 2%) com um verme, noventa e dois por cento com um rato e mais de noventa e seis por cento com um chimpanzé. Está claro que é o resto do ADN (98%) que faz de um ser humano uma criatura diferente de um verme, um rato ou um chimpanzé. Isto foi um grande golpe dado na Teoria da Evolução, mas tinha há muito sido predito pelos Criacionistas, que perceberam que um Criador movido por desígnios inteligentes dificilmente iria encher a célula de lixo.

Imagine que entra numa oficina bem organizada e observa como ela funciona. Ela tem centenas ou milhares de gavetas ao longo das paredes. Em cada gaveta estão ferramentas ou peças necessárias para a construção de seja o que for que a oficina produza. Uma gaveta pode ter uma ponta de broca de uma determinada dimensão; outras gavetas podem conter tamanhos específicos de parafusos ou anilhas ou porcas. Cada gaveta tem algo único, mas que é essencial para a construção de um produto. Nem todos os produtos requerem para a sua construção o uso de todas as gavetas.

Estas gavetas representam os genes de codificação das proteínas. Eles são importantes, até mesmo essenciais, mas não podem produzir nada sem o mecânico e o plano de construção. Quando o mecânico recebe um plano de construção, ele reúne as partes necessárias, liga as

máquinas necessárias e, com a perícia resultante de anos de experiência, cria o produto requerido. Sem o mecânico e o plano de construção, a oficina nunca poderia produzir fosse o que fosse. O mecânico e o plano de construção representam o ADN regulador que compõe a maior parte do genoma. A Teoria da Evolução não tem qualquer prova para explicar como é que este sistema genético se originou. Mas isto é apenas o começo dos problemas que enfrenta uma explicação naturalística; há ainda outros.

Segunda descoberta: A Epigenética

Até há poucos anos, o dogma da Biologia era o de que os genes controlavam tudo e eram os genes que determinavam quem nós éramos e aquilo em que nos tornaríamos. Agora tudo mudou. Durante gerações, os estudantes da Ciência têm sido doutrinados para crerem que a hereditariedade fora do ADN (também conhecida como *Lamarckismo*) seria algo de absurdo. Um exemplo disto seria uma girafa adquirir um pescoço longo por os seus antepassados se terem esforçado constantemente para alcançar as folhas mais altas nas árvores. No entanto, há cerca de duas décadas, os cientistas começaram a reconhecer a existência de outro nível de controlo que ligava e desligava porções de ADN, sem modificar a informação do ADN.

Estas modificações epigenéticas, não provenientes do ADN,

afetavam a anatomia, a função e mesmo o comportamento de um animal.³ Em 2014, os cientistas que estudavam o comportamento de ratos foram capazes de demonstrar convincentemente que quando um rato aprendia a ter uma aversão a um odor agradável específico (os animais recebiam choques quando o odor lhe era apresentado), esta aversão podia ser passada a três ou quatro gerações da sua descendência. O título dos comentários editoriais na revista científica *Nature* expressou o pensamento que ocorre a qualquer leitor da Bíblia: “Epigenética: Os pecados dos pais.”⁴

No exemplo dos ratos e outros efeitos epigenéticos, o resultado hereditário não deriva de qualquer mutação ou mudança no ADN. As mudanças químicas epigenéticas são transmitidas à descendência futura enquanto são necessárias, e essas mudanças podem ser revertidas nas gerações futuras. Por exemplo, a dieta, o comportamento ou o nível de stresse de uma mãe durante a gravidez podem afetar a sua descendência sem haver qualquer mutação de ADN, e estas mudanças podem ser transmitidas a gerações futuras.

A epigenética representa um grande desafio à Teoria da Evolução. A evolução exige que toda a nova informação genética surja como consequência de mutações casuais. Sem um Criador, o processo não pode saber previamente do que o animal necessitará. Mas a epigenética permite que o



meio ambiente produza mudanças que serão benéficas, sem a ajuda da seleção natural. Que tipos de mecanismos de controle e que desígnio estão envolvidos no desenvolvimento de um sistema tão sofisticado que pode transmitir informação comportamental que persiste, sem uma mudança nos genes? Esta é uma séria dificuldade para a Teoria da Evolução, tal como ela tem vindo a ser ensinada há cem anos. Mas há mais desafios a esta Teoria.

Terceira descoberta: Genes órfãos

O termo “gene órfão” foi criado para designar regiões de codificação de proteínas (isto é, genes) em qualquer animal que não foram encontradas em nenhum outro tipo de animal relacionado, ou até mesmo em nenhuma outra espécie. Por outras palavras, não havia “genes ancestrais” semelhantes a partir dos quais o gene órfão pudesse ter evoluído. Ele está simplesmente ali, executando uma tarefa única naquele tipo de animal, como permitir que uma abelha produza mel.⁵ Parece que o animal foi concebido com aquele gene porque esse animal específico precisa dele. Os genes órfãos estão espalhados por todas as formas de vida e colocam um obstáculo crítico, talvez até mesmo fatal, àqueles que procuram explicar a origem das formas de vida através de um processo evolutivo.

Com a continuação da pesquisa, o número total de genes órfãos identificados e reconhecidos tem crescido continuamente, e presentemente pode ser tão elevado que compreenda cerca de dez a trinta por cento de todos os genes conhecidos. Pelo menos alguns destes genes órfãos são muito importantes; um deles é



responsável pelo grande cérebro da espécie humana.⁶

Uma explicação consistente com as provas científicas apresentadas é a de que os genes foram parte da Criação original e a sua existência nos diversos géneros de animais deve-se à existência de um desígnio criador original. Talvez alguns destes genes órfãos possam ser genes que se tornaram ativos por causa das condições ambientais alteradas da Terra após a entrada do pecado (Epigenética). Seja como for, eles representam um importante desafio racional à Teoria da Evolução naturalística.

Uma explicação melhor

A Teoria da Evolução pretende que tipos de organismos novos e diferentes, como peixes, répteis e mamíferos, se originaram sem a ação de um Criador. Esta Teoria está agora a enfrentar desafios muito sérios por causa dos mecanismos sofisticados da biologia molecular que foram descobertos durante a última metade do século XX. A Teoria da Evolução continua viva devido ao seu “suporte de vida” artificial, isto é, o compromisso filosófico com o naturalismo, com a sua pressuposição de que a vida não teve um Criador. Três descobertas recentes – a Epigenética, o *Projeto ENCODE* e os genes órfãos – vieram destruir ainda mais amplamente a adequação intelectual do “suporte de vida” que sustenta hoje a Teoria da

Macroevolução. Para muitos indivíduos, o naturalismo e a macroevolução são ainda as únicas explicações aceitáveis para a origem da vida, mas o seu empenho está cada vez mais baseado numa filosofia, não em apropriadas provas científicas. Esperamos convencer os adeptos da Teoria da Evolução de que há uma alternativa melhor e mais viável, que não apenas tem um forte valor explicativo em termos científicos, mas também que apresenta a promessa da vida eterna àqueles que a aceitem. 🌱

• **Arthur Chadwick
e Leonard Brand**
Doutores em Biologia
e Paleontologia

1. ENCODE. Trinta artigos publicados ao mesmo tempo em revistas científicas, incluindo oito artigos e relatórios em *Nature* 489 (6 de setembro de 2013), pp. 45-113. Veja também N. Carey, *Junk DNA: A Journey Through the Dark Matter of the Genome* (New York: Columbia University Press, 2015).
2. J. Cohen, “Relative Differences: The Myth of 1%”, *Science* 316 (29 de junho de 2007), p. 1836.
3. B. G. Dias e K. J. Ressler, “Parental Olfactory Experience Influences Behaviour and Neural Structure in Subsequent Generations”, *Nature Neuroscience* 17 (2014), pp. 89-96. Cf. D. Noble, “Physiology is Rocking the Foundations of Evolutionary Biology”, *Experimental Physiology* 98 (2014) pp. 1235-1243. Doi: 10.1113/expphysiol.2012.071134.
4. V. Hughes, “Epigenetics: The Sin of the Fathers”, *Nature* 507 (6 de março de 2014), pp. 22-24.
5. B. R. Herb, F. Wolschin, K. D. Hansen, M. J. Aryee, B. Langmead, R. Irizarry, G. V. Amdam e A. P. Feinberg, “Reversible Switching Between Epigenetic States in Honeybee Behavioral Subcastes”, *Nature Neuroscience* 15, nº 10 (2012), pp. 1371-1373. Cf. W. C. Jasper, T. A. Linksvayer, J. Atallah, D. Friedman, J. C. Chin e B. R. Johnson, “Large-scale Coding Sequence Change Underlies the Evolution of Postdevelopmental Novelty in Honeybees”, *Molecular Biology and Evolution* 32, nº 2 (2015), pp. 334-346.
6. M. Florio, M. Albert, E. Taverna, T. Namba, H. Brandl, E. Lewitus e W. B. Huttner, “Human-Specific Gene ARHGAP11B Promotes Basal Progenitor Amplification and Neocortex Expansion”, *Science* 347, nº 6229 (2015), pp. 1465-1470.

O que era a luz criada no primeiro dia da semana da Criação?

“E DISSE DEUS: HAJA LUZ. E HOUVE LUZ.” GÊNESIS 1:3.

Embora nenhum observador humano tenha estado presente durante os primeiros cinco dias da semana da Criação, temos o registro inspirado de Moisés, o historiador da Criação, que escreveu o que lhe foi mostrado em visão.

A sequência de dias foi contada desde o início da semana da Criação (Gén. 1:5, 8, 13, 19, 23, 31; 2:2 e 3), e a frase “foi a tarde e a manhã” (Gén. 1:5, 8, 13, 19, 23, 31) foi aplicada a cada um dos primeiros cinco dias.¹ Portanto, a lógica da pergunta é clara: Se a luz foi criada no primeiro dia (Gén. 1:4) e o Sol foi feito apenas no quarto dia (Gén. 1:14), o que era a luz do primeiro dia? Esta aparente discrepância, ou mesmo contradição, levou os estudiosos da Bíblia a propor

várias soluções para este enigmático fenómeno do processo da Criação. Entre todas as interpretações sugeridas, duas são merecedoras de serem atentamente consideradas.

A presença de Deus era a luz

A primeira explicação afirma que a presença de Deus era a luz do primeiro dia. No Salmo 104, que é um hino poético que descreve cada um dos sete dias da Criação na mesma sequência que nos dá o relato da Criação segundo Gênesis (Gén. 1:1-2:4a), a luz do primeiro dia é associada com a glória de Deus, que Se cobriu “de luz como de um vestido” (Sal. 104:2). O Senhor é a luz (Sal. 27:1; I João 1:5), portanto a Sua presença traz a luz; a luz procede d'Ele. De modo semelhante, a presença de Deus foi a fonte de luz duran-

te o êxodo do Egito (Êxo. 13:21), bem como na experiência do Mar Vermelho, na qual o Senhor foi, ao mesmo tempo, luz para Israel e trevas para o exército egípcio (Êxo. 14:19 e 20).

A ideia de que a luz pode ter existência independentemente do Sol está presente no Apocalipse (21:23; 22:5), segundo o qual o próprio Deus é a fonte de luz. Antigas fontes rabínicas também mencionavam que a luz do primeiro dia da Criação era o esplendor da presença divina.² Embora, segundo a visão bíblica, o Sol seja uma fonte de luz, o próprio Deus é a suprema fonte de luz (Isa. 60:19 e 20).

A luz do primeiro dia era luz solar

A segunda explicação afirma que, no primeiro dia da Criação, Deus criou o sistema solar (isto

explicaria o ciclo de tarde-manhã existente desde o primeiro dia), mas o Sol ainda não estava a realizar o seu propósito intencionado por Deus no que toca à sua relação com a Terra. Isto significa que no quarto dia Deus não criou o Sol e a Lua, mas designou-os para governarem o dia e a noite, para separarem a luz das trevas e para determinar as estações, os dias e os anos (Gén. 1:14, 18). Assim, o Sol e a Lua já existiam desde o primeiro dia, mas tornaram-se visíveis na superfície da Terra apenas no quarto dia. Pode ter-se dado o caso de que a água acima da Terra (mencionada no segundo dia da Criação, v. 7) ou densas nuvens (Job 38:9) pudessem estar a cobrir o nosso Planeta, o que impediria o Sol de ser visto na Terra. Segundo esta explicação, no quarto dia, o invólucro aquoso ou a redoma de nuvens poderiam ter desaparecido.

Gênesis 1:14 pode ser traduzido como uma frase expressando um propósito: “Que os luminares... sejam [designados] para separar o dia da noite.” Esta tradução supõe que os luminares já estavam no firmamento. É importante notar que a afirmação avançada em Gênesis 1:16 de que Deus fez dois luminares pode ser traduzida “tinha feito”, implicando assim que eles foram criados antes do quarto dia da Criação. Segundo a gramática hebraica, tal tradução é uma possibilidade legítima.³

Há também a possibilidade de combinar as duas soluções propostas, porque elas podem ser

complementares. A presença de Deus poderá ter sido a principal fonte de luz para os primeiros três dias, mas esta luz poderá também ter incluído luz proveniente do Sol (estando o sistema solar criado desde o primeiro dia). No entanto, do quarto dia em diante o foco foi colocado na luz que procedia dos corpos astronômicos que hoje conhecemos.

“Ele também fez as estrelas”

Incluir as estrelas na criação do Sol e da Lua no quarto dia implicaria que fora nessa data criado, pelo menos, o Universo visível. Tendo em vista a nossa compreensão do Grande Conflito, isto dificilmente poderá ser verdade.

As palavras “Ele fez” e “também” na frase “Ele também fez as estrelas” foram fornecidas pelo tradutor; não estão no texto hebreu. O versículo 16 pode ser traduzido da seguinte maneira: “E Deus fez os dois grandes luminares; o maior para governar o dia, o menor para governar a noite com as estrelas.”⁴ Assim, o céu estrelado poderia ter sido criado muito antes da semana da Criação. Segundo Job 38:7, “as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam” na criação da Terra. Se as “estrelas da alva” representam aqui os anjos e são compreendidas como uma personificação do céu estrelado, então este texto apoiaria a tese de que existiam anjos e estrelas antes da semana da Criação.

Criação e adoração

A criação da luz tornou possível a contagem do tempo, pelo que começou então a sucessão dos dias. Consequentemente, no primeiro dia, Deus determinou que começasse a contar o tempo para este Planeta. Além disso, no quarto dia, Deus designou o Sol e a Lua para marcarem as estações e outros períodos temporais, incluindo o tempo para a adoração.

Em contraste com as divindades solares e lunares dos panteões pagãos, o relato da Criação afirma que Deus criou apenas luminares sem nome: a luz maior e a luz menor. Assim, Ele erigiu um muro contra a infiltração do culto ao Sol e à Lua entre o povo de Deus. Este elemento antimítico sublinha que Deus está no controlo, que Ele é o Criador da luz e a sua fonte última. A luz e o tempo dependem d'Ele. Apenas Ele tem de ser louvado, pois Ele é o Deus Criador. ♣

• **Jirí Moskala**
Teólogo

1. O autor do relato da Criação de Gênesis escreveu a partir de uma perspectiva terrestre (e não cósmica). Shea afirma com razão: “Os atos da Criação foram revelados e registados como se tivessem passado perante um observador posicionado na Terra, não fora do nosso sistema solar. Este ponto de vista torna alguns elementos da narrativa mais compreensíveis.” W. H. Shea, “Creation”, in *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, p. 420.

2. *Talmud*, Genesis Rabba 3:4.

3. Veja Gesenius' *Hebrew Grammar*, editado por Emil Kautsch e A. E. Cowley, 2nd ed., Oxford: Clarendon Press, 1910, p. 348.

4. Colin L. House, “Some Notes on Translating in Genesis 1:16”, *Andrews University Seminary Studies*, 25(3), 1987, p. 247.



A Trindade É assim tão importante?

Que diferença faz?, pensei eu. *Porque é tão importante o conceito bíblico da Trindade?*

Eu tinha estado a estudar a Bíblia com Miguel, um cavalheiro bem-intencionado que simpaticizava com as posições das Testemunhas de Jeová. A esposa de Miguel, uma Testemunha de Jeová devota, tinha recentemente falecido. Ela tinha-lhe dito que Cristo e o Espírito Santo *não eram* Deus; que a “Trindade” não existia. Miguel tinha acreditado na palavra da sua esposa.

Eu esforcei-me por tentar convencê-lo do contrário, indicando-lhe confiantemente cada pedacinho das provas linguísticas, sintáticas, semânticas e gramaticais que podia encontrar na Bíblia a favor da existência da Trindade – mas sem qualquer efeito. Miguel simplesmente não estava interessado nas minúcias das provas bíblicas e exegéticas em favor da personalidade e divindade do

Filho e do Espírito Santo. Era algo abstrato de mais para ele.

Seja como for, que diferença faz? Comecei a pensar. Então, subitamente, percebi: Eu estava completamente à margem da questão. O que eu tinha de fazer era mostrar a Miguel a razão por que o conceito de um Deus trino era assim tão importante, especialmente para ele! Francamente, eu nem tinha pensado muito sobre a razão porque esse conceito era assim tão importante para mim! Mal sabia eu que estava prestes a obter uma nova e incrível perspetiva sobre a Divindade.

Porque é assim tão importante

A Trindade não é um conceito filosófico isolado e sem consequências. Aquilo que acreditamos sobre a personalidade e a natureza do Pai, do Filho e do Espírito Santo tem um grande impacto sobre muitas outras doutrinas e crenças. Não é algo que se possa colocar de lado sem que afete vá-

rios aspetos cruciais da nossa experiência cristã, tais como:

A salvação: Se na cruz “a misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram” (Sal. 85:10), então Cristo *tinha* de ser plenamente divino, parte do Deus trino. Se não, então Deus estaria dependente de uma criatura para demonstrar o Seu amor e satisfazer a Sua justiça. Deus teria aplicado a Sua cólera sobre um terceiro, levantando a questão sobre a justiça de um tal ato. Em vez disso, no Cristo Deus/homem, Deus foi ao encontro das exigências da justiça através do Seu ato divino de auto-sacrifício. Pois “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo” (II Cor. 5:19)! E, claro está, apenas um Ser que possui naturalmente a imortalidade pode oferecer vida eterna àqueles que se apropriam do poder salvífico da Sua morte expiatória (João 11:25). Dêmos graças a Deus porque a nossa salvação não depende de um ser criado, mas do próprio eterno Deus trino!



Conhecimento sobre Deus: Muito do que sabemos sobre Deus procede do que Cristo veio revelar através dos Seus ensinamentos e do Seu exemplo (João 1:18; 14:9). No entanto, apenas Alguém que é Deus no pleno sentido do termo pode efetivamente mostrar-nos como Deus é. De outro modo, a revelação de Cristo acerca do Pai seria imperfeita e incompleta. Apenas Alguém que soubesse o que é ser divino poderia realmente mostrar à Humanidade a verdade sobre Deus. E apenas o divino Espírito Santo, que tem estado eternamente ligado ao projeto de amor sacrificial do Pai e do Filho, pode comunicar plenamente um tal amor aos seres humanos perdidos. Além do mais, o facto de que o Espírito Santo é uma *pessoa* plenamente divina, e não apenas uma “força” ou um “poder”, é algo muito significativo. Não nos podemos relacionar com uma força do mesmo modo que nos relacionamos com uma pessoa. Um “poder” impessoal pode ser facilmente manipulado, mas uma pessoa não. Apenas uma verdadeira Pessoa divina nos pode confortar, ensinar e guiar (João 14:16; 16:13).

A reconciliação: A reconciliação da Humanidade com Deus apenas podia ser realizada por alguém que era igual a Deus, possuindo os atributos divinos que Lhe per-

mitissem interceder em favor do homem perante o Deus infinito e também representar Deus perante um mundo caído. Ele deveria também partilhar a nossa natureza humana, estabelecendo uma ligação com a família humana que devia representar, de modo a ser um mediador entre Deus e a Humanidade (Heb. 4:14-16). Além do mais, apenas o Espírito onnipresente, que conhece plenamente o coração do nosso Sumo-Sacerdote intercessor, pode adequadamente confortar-nos e comunicar-nos as bênçãos da intercessão constante de Cristo em nosso favor.

A santificação: O pecado distorceu a Criação de Deus de tal modo que o único que a pode restaurar é o seu divino Criador original. Jesus, o Criador, torna-Se no grande médico da alma humana. Apenas Ele tem o poder para recriar a imagem de Deus em qualquer pecador que, livre e humildemente, vem até Ele para obter a restauração. No entanto, Cristo já não está presente para executar esta obra. O único Ser capaz de realizar esta transformação é o divino Espírito Santo, que também colaborou com o Filho na Criação.

A unidade: Jesus orou pelos Seus discípulos de todos os tempos, pedindo “para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu

em ti” (João 17:21). Se o Filho e o Pai não fossem completamente iguais em poder, em natureza e em atributos, que tipo de unidade poderia estar Cristo a pedir? Seria uma “unidade” desigual e subordinada. Mas, dado que Ele e o Pai (e também o Espírito) são mutuamente interdependentes no Seu amor, na Sua existência e na Sua obra, a mesma unidade é pedida em favor dos discípulos: que eles também possam ser um em igual interdependência e em serviço amoroso.

O casamento e a igualdade: No princípio, Deus criou o Homem “à sua imagem” como macho e fêmea (Gén. 1:27). O ideal expresso na Criação foi que o homem e a mulher formassem um todo em que fossem mutuamente complementares e interdependentes, seguindo o padrão de relacionamento no interior da Divindade (João 17:24). Se houvesse diferenças hierárquicas na natureza e nos atributos do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ser criado “à sua imagem” não teria feito qualquer sentido quando aplicado à igualdade do homem e da mulher (Gál. 3:28).

Inevitável

Para alguns, a Divindade é o maior dos paradoxos. De algum modo Eles estão separados, mas são inseparáveis; de algum modo Eles são três e, no entanto, são apenas um. Mas logo que tenhamos considerado as alternativas, a doutrina da Trindade é inevitável. Podemos não ser capazes de resolver completamente o mistério da Trindade nesta vida e, talvez, nem sequer na vida eterna. Mas uma coisa é certa: Não há outro Deus. Ele vem até nós na Sua triunidade, e este Deus é tudo aquilo de que precisamos! ✠

• Walter Steger
Editor

EXPO-SAÚDE EM VILA DE CERVA

Samuel Cabrito
Pastor Assistente de
Vila Real e Chaves

É interessante ver como Deus abre portas, pois, sem dúvida alguma, Deus deu-nos a possibilidade de realizarmos um bom trabalho nesta vila do distrito de Vila Real. Um jovem participou numa Expo-Saúde na Figueira da Foz e mostrou-se interessado em realizar a mesma atividade na sua vila. A Pastora Rute Mesquita deu-lhe o meu contacto e, passados alguns dias, este jovem contactou-me. A partir desse momento fomos combinando e desenvolvendo todo o procedimento para a realização da atividade.

Após toda a preparação, no dia 28 de novembro de 2015, realizou-se em Vila de Cerva uma Expo-Saúde.

Esta atividade foi realizada pela igreja de Vila Real, mas pedimos a colaboração das igrejas de Chaves e de Mirandela, de modo a termos voluntários suficientes. Entre os voluntários tivemos três pessoas (enfermeiras) que não são Adventistas e que disponibilizaram o seu tempo para nos ajudar. Ao longo das três horas que estivemos em Vila de Cerva tivemos a participação de 60 pessoas. Muitas delas mostraram interesse em participar noutras atividades, tais como os seminários de nutrição, de família, de stresse, etc.. A nossa atividade foi noticiada no jornal *A Voz de Chaves*, assim como na página de *Internet* de Ribeira de Pena.

O jovem que entrou em contacto comigo não continuou no projeto porque foi colocado no Alentejo como



professor. Após a realização da atividade, ele contactou-me para nos agradecer e para nos informar de que a resposta dos habitantes da Vila foi a melhor, estando todos disponíveis para participar noutros eventos. Em determinado momento da nossa conversa perguntou-

me se a Associação Internacional de Temperança (AIT) poderia realizar a mesma atividade na escola onde agora dá aulas. Ele falou com o Diretor da escola e este deu-lhe o seu aval. Realmente é verdade que, se nós não falarmos, as pedras falarão por nós. Que Deus seja louvado! ✨

TERCEIRO ALMOÇO SOLIDÁRIO DA ADRA ESPINHO

Luzia Alves
Secretária da ADRA Espinho

No dia 10 de janeiro de 2016, a ADRA realizou, pelo terceiro ano consecutivo, o Almoço Solidário na sua delegação de Espinho, em que participaram mais de cinquenta pessoas. Os convites foram distribuídos a setenta pessoas através da colaboração do Núcleo Local de Inserção do Concelho de Espinho, que nos sinalizou as famílias mais carenciadas. Mesmo enfrentando um período climatérico muito adverso, estiveram presentes nesse dia cerca de cinquenta pessoas. O almoço foi preparado pelos voluntários

da Delegação de Espinho da ADRA que, para além de uma refeição agradável e de roupas quentes, partilharam sorrisos, gestos de simpatia e solidariedade. Esta iniciativa decorreu nas instalações da sede, na cidade de Espinho. A delegação da ADRA Espinho

apoia mensalmente, através da oferta de alimentos básicos e de roupas, cerca de sessenta famílias carenciadas. Com a ajuda de Deus e o apoio dos nossos voluntários é nossa intenção realizar o mesmo projeto solidário mais vezes ao longo deste ano. ✨



BATISMOS EM VILA FRANCA DE XIRA

Dep. de Comunicação da IASD
Vila Franca de Xira

É sempre com muita emoção que os membros de qualquer igreja assistem a uma cerimónia batismal. No dia 30 de janeiro de 2016, tivemos o grato privilégio de ver descer às águas batismais a nossa querida Carol Oliveira, que quis assim testemunhar publicamente da sua decisão de integrar as fileiras dos filhos de Deus que aguardam a breve vinda de Cristo. Desejamos à Carol, aos seus pais e ao seu irmão as mais ricas bênçãos de Deus. Ao Pastor oficiante desta cerimónia,



Pr. Jorge Duarte, queremos agradecer a sua presença e desejar-lhe um ministério cheio de bênçãos. 🌿

BATISMOS EM ANGRA DO HEROÍSMO

Elias Godoy
Pastor da IASD de Angra do Heroísmo

No dia 12 de dezembro de 2015, realizou-se em Angra do Heroísmo uma cerimónia batismal em que foram batizadas três preciosas almas: um casal, Lina e João, e Eduarda, uma jovem de 17 anos. Estes batismos têm uma importância especial para nós, porque estas pessoas são naturais desta ilha, onde sempre moraram, tendo vivido a religião e as tradições que são próprias desta região. Ao conhecerem as verdades bíblicas ensinadas pela nossa Igreja, decidiram mudar a sua

vida e adequá-la aos ensinamentos da Palavra de Deus. Estes batismos também são especiais porque houve um grande envolvimento dos membros e de todos os departamentos da igreja para alcançarmos esses novos membros.

O casal batizado encontrou-se casualmente com outro casal da nossa igreja, que o convidou para a sua casa, tendo partilhado com ele alguns DVD's de estudo da Bíblia. Depois, a D^a. Lina e o Sr. João foram convidados a assistir aos cultos na nossa igreja. Passaram então a frequentar os *workshops* de artesanato na igreja de Angra, criando assim vínculos de amizade com vários Adventistas. Simultaneamente, começaram a receber estudos bíblicos em casa. Ao participarem no encontro de casais promovido pela igreja, o Sr. João tomou a sua decisão pelo batismo, juntando-se à esposa, que já estava decidida há algum tempo.

A jovem Eduarda foi convidada por uma amiga de escola, que frequenta a nossa igreja, a fazer-nos uma visita. Foi a primeira vez que entrou em contacto com a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Gostou muito dos hinos e da nossa programação. Nunca mais deixou de frequentar a igreja de Angra. Depois de receber estudos bíblicos, decidiu ser batizada. Damos graças a Deus por estas três almas resgatadas, que vieram reforçar a Sua Igreja nesta bela ilha dos Açores. 🌿



DESCANSOU NO SENHOR

Enoque Nunes
Pastor da IASD Central de Lisboa

“Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição” (Apoc. 20:6). Esta é a expectativa e a confiança que temos no amor, na justiça e na misericórdia do nosso Deus para com a nossa querida irmã **Emília Conceição Lopes**, que adormeceu confiante na fé de Jesus. Nasceu em Tomar, onde viveu até à adolescência. Estudou no Colégio Adventista de Portalegre. Lecionou em Lisboa, no Funchal e, mais tarde, com o marido, Pr. Samuel Graça, em Moçambique durante alguns anos. Já neste período, começou a escrever poesia e pequenas histórias para os alunos. Em Lisboa e em Londres prosseguiu os estudos universitários. Depois do falecimento do esposo, emigrou para o Canadá, onde também estudou durante um ano. Foi-lhe então dada a oportunidade de preencher uma vaga no Consulado Geral de Portugal em Nova Iorque, EUA. Ali se fixou durante trinta anos, até se aposentar. Desempenhou funções de Chanceler, Vice-Cônsul e Cônsul Geral. Dotada de um espírito curioso e ávido de conhecimento, continuou as suas pesquisas e o seu desenvolvimento em diversas áreas do saber e das artes. Não parou de escrever e publicar poemas, prosa e prosa poética, em português e inglês. Emília Lopes ocupava os tempos de lazer na música e na pintura de quadros, tendo feito várias exposições públicas individuais. No di-

zer da própria “Parecia que vivia em 3 dimensões: a profissão em si; as artes: a escrita, a pintura, a música; e as atividades na Crossroads Church em Nova Iorque”. Depois que se aposentou, regressou a Lisboa, para junto da família, prosseguindo na escrita. Escreveu no total onze livros e cinco fascículos.

A irmã Emília era dotada de uma grande sensibilidade e de um enorme coração. Inquietava-se com o sofrimento humano e não ficava indiferente às necessidades. Discreta na ação, agia solidariamente no cumprimento do Evangelho, fruto da sua profunda experiência espiritual. Descansou a 8 de Fevereiro de 2016, a poucas semanas de completar 88 anos. A saudade dos seus queridos familiares, em particular da filha, a Dr.^a Sílvia, e do neto, André, será suavizada pela esperança do reencontro aquando da gloriosa Segunda Vinda de Jesus. 🌿

Enoque Nunes
Pastor da IASD Central de Lisboa

No dia 6 de fevereiro de 2016, adormeceu no Senhor, com noventa e cinco anos, a irmã **Marcelina Lopes**, batizada na igreja Central de Lisboa pelo saudoso Pr. Fernando Mendes. Durante cinquenta anos como crente Adventista, a nossa irmã acalentou a sua fé, confiando na seguinte promessa divina: “Eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra” (Apocalipse 22:12). Anima-nos a esperança de que voltaremos a ver a nossa irmã Marcelina Lopes na manhã da ressurreição. 🌿



Carlos Santos
Dep. de Comunicação
da IASD de Coimbra



No dia 5 de novembro de 2015, a igreja de Coimbra recebeu a notícia do falecimento da irmã **Prazeres dos Santos Marques**. Com 97 anos, esta nossa irmã teve nos seus últimos anos uma vida muito difícil por falta de saúde, apesar de ser sempre acompanhada e acarinhada pela filha, a nossa irmã Genoveva dos Santos. Tivemos o gosto de a conhecer há cerca de cinco anos, desde a hora em que aceitou ouvir falar da salvação. No dia 21 de abril de 2007, tornou-se membro da nossa igreja por Profissão de Fé. A sua cerimónia fúnebre foi presidida pelo Pastor José Lagoa, que partilhou alguns textos bíblicos relacionados com a triste circunstância do momento. A filha da nossa falecida irmã fez questão de ler, junto da urna, um poema da sua autoria em memória da sua mãe. Do mesmo modo, a irmã Marta, nora da irmã Genoveva, entoou as estrofes do hino 392 ("Bem Junto a Cristo"), que a irmã Prazeres Marques apreciava. Ao sair a urna para o cemitério, a irmã Genoveva disse, como palavras de despedida: "Até à ressurreição, minha mãe!" Confiamos que a nossa irmã Prazeres Marques está inscrita no registo dos que "têm as suas vidas escondidas com Cristo em Deus" até ao glorioso Dia do Senhor (Colossenses 3:3). ✎

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS



OS ADVENTISTAS PARTICIPAM NA DISCUSSÃO SOBRE O EXTREMISMO RELIGIOSO PROMOVIDA PELA ONU

ANN/RA

Pela segunda vez um simpósio anual reuniu personalidades destacadas da comunidade internacional para uma discussão sobre a violência levada a cabo sob a bandeira da fé religiosa. "Não é a religião em si mesma, mas sim uma compreensão corrompida da religião, que alimenta o extremismo religioso", disse Ganoune Diop, Diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da Conferência Geral, durante o simpósio organizado pela ONU. Realizado a 1 de fevereiro no Secretariado das Nações Unidas em Nova Iorque, este evento reuniu cerca de 130 representantes de várias agências da ONU, de diversas

religiões e de múltiplas organizações não governamentais, para discutir o papel da religião na arena internacional. Ganoune Diop, um dos principais oradores, desafiou "a generalização simplista" de que a religião e a fé religiosa deveriam ser responsabilizadas pela violência gerada pelo extremismo religioso. Ele defendeu que deveria haver um redobrar dos esforços no sentido de defender a liberdade de religião e de crença, de modo a "cuidar da integridade física, emocional e espiritual de cada ser humano". Diop disse também que é importante que os Adventistas sejam participantes ativos na discussão pública sobre como evitar a violência religiosamente motivada.

Segundo ele, a nossa Igreja tem contribuições importantes a oferecer, especialmente na promoção da dignidade humana. A nossa crença na doutrina da Criação, que declara que cada pessoa foi feita à imagem de Deus, dá-nos uma compreensão única da unidade da família humana. Diop destacou ainda os vários serviços prestados pela Igreja à Humanidade, os quais incluem a assistência espiritual, educacional, médica e humanitária. O Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da Conferência Geral foi um dos três organizadores do simpósio, o qual foi patrocinado pelo Grupo Inter-Agências para a relação com as Organizações Religiosas da ONU. ✎

MILHARES DE ADVENTISTAS REAGEM À AMEAÇA DO ZIKA NO BRASIL

ANN/RA

Membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia de todas as idades estão a mobilizar recursos para combater o Zika, um vírus que a Organização Mundial de Saúde declarou ser "uma emergência que afeta a saúde pública global". A nossa Igreja no Brasil deu início ao Projeto Zika, uma campanha nacional para alertar a população, prevenir novas infeções e mobilizar as pessoas para combaterem a disseminação do vírus. Este projeto foi lançado no final de fevereiro do corrente ano através de uma gigantesca ação de sensibilização que mobilizou 200 000 alunos das escolas Adventistas e que espera poder incluir também,

pelo menos, 600 000 crentes Adventistas. "Inicialmente trabalhamos com mais de 200 000 estudantes das nossas escolas e com as suas famílias", disse Marcello Niek, o médico responsável pela direção da iniciativa. "Mas a campanha cresceu, pelo que é possível que o número de participantes chegue aos dois milhões." Durante uma recente campanha de sensibilização, os estudantes Adventistas organizaram três dias de seminários nas escolas, em que as pessoas puderam aprender sobre o vírus e fazer perguntas. No quarto dia, os estudantes encorajaram as suas famílias a juntarem-se a eles para falar aos seus vizinhos sobre as precauções a ter para evitar a infeção pelo vírus. No Es-

tado da Baía, as autoridades convidaram os representantes da nossa Igreja para uma discussão sobre medidas efetivas a tomar para combater o mosquito que transmite o vírus. "Este convite do Governador Rui Costa é muito oportuno, porque nós desenvolvemos a iniciativa e, graças à parceria com o governo, teremos mais ferramentas para prosseguir a nossa campanha na comunidade", disse Luís Ferreira, Diretor da ADRA na Baía. Os esforços dos estudantes Adventistas chamaram a atenção de um dos maiores jornais locais, o *Jornal do Brasil*, que publicou uma reportagem sobre o seu trabalho e sobre a campanha nacional desenvolvida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. ✎

Evangelismo Pessoal

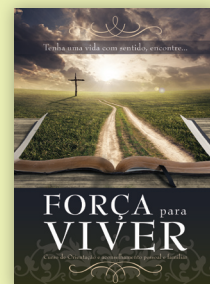
TRANSFORME O SEU LAR NUMA IGREJA!

Cursos

Uma Hora com a Sua Bíblia



Crenças Adventistas para Crianças



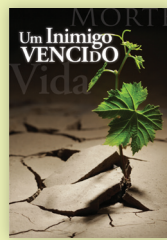
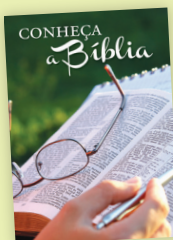
Estudos Bíblicos

Visite | evangelismo.adventistas.org.pt

Curso



Bíblia / Morte / Dor / Sábado



Folhetos



O destino *da Europa*

PARTE II

O REINO DIVIDIDO E O REINO ETERNO DE DANIEL 2

Prosseguimos a interpretação do sonho de Nabucodonosor II sobre a estátua de metal, que é relatado no segundo capítulo do livro de Daniel. Num artigo anterior procedemos à interpretação exegética da parte do texto do referido capítulo que menciona os pés e os dedos de ferro e de cerâmica da estátua, os quais, como vimos, simbolizavam um “reino dividido”.¹ No presente artigo iremos continuar a interpretação do sonho de Nabucodonosor II, nomeadamente a interpretação da sua segunda parte, que descreve a instauração do reino eterno de

Deus. Assim, vamos decodificar os três símbolos mais importantes do sonho: a pedra que destrói a estátua, a montanha de onde essa pedra procede e a montanha em que a pedra se transforma. Ao obtermos uma adequada compreensão do que foi revelado a Nabucodonosor II sobre o reino eterno de Deus, ficaremos em condições de procedermos, num próximo artigo, à interpretação histórica do “reino dividido”, isto é, ficaremos em condições de descobrir qual é a entidade histórica que é representada pelo símbolo do “reino dividido”. Por agora, debruçemo-nos sobre o significado da parte final do sonho relatado em Daniel 2.

O reino eterno, a pedra e as duas montanhas (Dan. 2:34 e 35, 44 e 45)

Ao relatar inicialmente o sonho do rei, registado no segundo capítulo do seu livro, Daniel tinha dado destaque à sua parte culminante, afirmando perante



Nabucodonosor II o seguinte: “Tu estavas olhando, quando uma pedra se destacou, sem [ajuda de] mãos, e bateu na estátua sobre os seus pés de ferro e de cerâmica e os pulverizou. Então foram pulverizados juntos o ferro, a cerâmica, o bronze, a prata e o ouro, e tornaram-se como a palha miúda oriunda das eiras de verão e o vento os levou e não foi achado nenhum traço deles; mas a pedra que tinha batido na estátua tornou-se uma grande montanha e encheu toda a terra” (Dan. 2:34 e 35). Depois, na explicação do sonho, o jovem profeta interpretou o significado da pedra que se tornou numa grande montanha. “E nos dias destes reis, o Deus dos céus fará erguer-se um reino que não será destruído por todas as eras; e o reino não passará a um outro povo. Ele pulverizará e destruirá todos estes reinos e se erguerá pelas eras. Como tu viste que uma pedra se destacou da montanha, sem [ajuda de] mãos, e ela pulverizou o ferro, o bronze, a cerâmica, a prata e o ouro” (Dan. 2:44 e 45). Tendo presente esta informação detalhada, vamos interpretar a parte final do sonho de Nabucodonosor II.

Esta segunda parte do sonho é a mais importante, ocupando a maior parte dele. Para interpretarmos o significado da “pedra” e das duas “montanhas” que protagonizam a parte final do sonho, vamos seguir a seguinte estratégia. Primeiro, vamos ter em conta o paralelo – reconhecido pela grande maioria dos comentadores² – que existe entre os símbolos do sonho de Daniel 2 e os símbolos da visão de Daniel 7. Segundo, vamos procurar nas metáforas da Bíblia pistas que nos permitam decifrar os símbolos presentes na parte final do sonho de Nabucodonosor II.

Daniel 2 e Daniel 7

Quais são os símbolos em Daniel 7 que correspondem aos símbolos – a “pedra” e as duas “montanhas” – que protagonizam a parte final do sonho de Daniel 2? Uma leitura atenta da visão relatada em Daniel 7 mostra-nos que a “pedra” tem como paralelo “o Filho do homem”, a “montanha” de onde a pedra procede tem como paralelo o “Ancião de dias” e a “montanha” em que a pedra se transforma tem como paralelo o “reino” dado ao “povo dos santos do Altíssimo”. Vejamos estes paralelos mais detalhadamente. Daniel 7 relata que, a partir da quarta besta, símbolo do império romano, surgem dez

7:9-11). Envolvido neste processo de juízo está um personagem “semelhante ao Filho do homem”, que recebe então do Ancião de dias um “domínio eterno que não passará” e um “reino que não será destruído” (Dan. 7:13 e 14). Este “reino” eterno será partilhado e possuído pelo “povo dos santos do Altíssimo” (Dan. 7:18, 22, 27). Ora, vemos aqui que, tal como a “pedra” é o agente proveniente da “montanha” que destrói a estátua embatendo contra os seus pés de ferro e de cerâmica, também o personagem “semelhante ao Filho do homem” é o agente que provém do “Ancião de dias” e que recebe d’Ele o poder, depois de o quarto

A “PEDRA” TEM COMO PARALELO “O FILHO DO HOMEM”, A “MONTANHA” DE ONDE A PEDRA PROCEDE TEM COMO PARALELO O “ÂNCIÃO DE DIAS” E A “MONTANHA” EM QUE A PEDRA SE TRANSFORMA TEM COMO PARALELO O “REINO” DADO AO “POVO DOS SANTOS DO ALTÍSSIMO”.

pontas representando as dez partes em que se dividiria o império de Roma, bem como uma ponta pequena que pronunciava grandes blasfêmias (Dan. 7:7 e 8). Este cenário é paralelo ao cenário traçado pelo sonho de Daniel 2, onde as pernas de ferro, o símbolo do império romano, são sucedidas pelos pés e respetivos dedos de ferro e de cerâmica, que representam as dez partes em que se dividiria o império de Roma (Dan. 2:33, 40 e 41). Depois de apresentar o quarto animal e as suas pontas, o relato de Daniel 7 dá protagonismo a um “Ancião de dias” que julga e destrói a quarta besta, incluindo as respetivas pontas (Dan.

animal – com as suas pontas – ser morto e queimado no fogo. Em seguida, tal como a “pedra” se transforma numa “montanha” e enche toda a Terra (representando isto a instauração do reino eterno de Deus [cf. Dan. 2:35c; Dan. 2:44a]), também o “Filho do homem” partilha com o “povo dos santos do Altíssimo” o reino eterno de Deus. Portanto, temos aqui um claro paralelo simbólico, em que a “pedra” corresponde ao “Filho do homem”, a “montanha” de onde a pedra procede corresponde ao “Ancião de dias” e a “montanha” em que a pedra se transforma corresponde ao “reino eterno” do “povo dos santos do Altíssimo”. Que o “An-

ção de dias” representa o Deus eterno, o “Altíssimo” (cf. Dan. 7:22), é evidenciado pelo modo como Daniel descreve a Sua aparição na visão. Ele é o supremo juiz, é servido por “milhões de milhões” e é caracterizado pelos sinais físicos da Divindade: as suas vestes brancas, o seu cabelo branco e o seu trono de fogo (Dan. 7:9 e 10). Portanto, a “montanha” de onde a “pedra” procede – que é o símbolo paralelo do “Ancião de dias” – tem igualmente de representar Deus. Também não há dúvida quanto ao sentido do “reino” que é dado “aos santos do povo do Altíssimo”. Trata-se do reino eterno instaurado em favor do povo de Deus pelo “Filho do homem” (cf. Dan. 7:13 e 14; Dan. 7:27). Portanto, a “montanha” em que a pedra se transforma – que é o símbolo paralelo do “reino eterno” dado ao povo dos santos do Altíssimo – é a representação do reino de Deus.

Mas Quem é representado pelo personagem “semelhante ao Filho do homem”? Temos primeiro de responder a esta questão para podermos interpretar o símbolo da “pedra”, que é paralelo ao símbolo do “Filho do homem”. Pois bem, o personagem “semelhante ao Filho do homem” é o Messias de Israel. Podemos afirmá-lo com base nas seguintes considerações. Primeiro, o “Filho do homem” recebe de Deus “o domínio, e a honra, e o reino” universal e eterno (Dan. 7:14) e partilha esse reino eterno com “o povo dos santos do Altíssimo” (Dan. 2:22, 27). Portanto, o “Filho do homem” é empossado por Deus como rei soberano sobre o Seu povo. Ora, este traço do “Filho do homem” em Daniel 7 corresponde exatamente à ideia central da noção judaica sobre o “Messias”, pois o Messias é precisamente o servo de Deus que foi ungido para ser rei sobre o povo de Deus e cujo do-

mínio abarcará toda a Terra. Veja-se, a título de exemplo, esta ideia claramente expressa no Salmo 2, um salmo messiânico: “Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião. Recitarei o decreto: O Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e os fins da terra por tua possessão. Tu os esmigalharás com uma vara de ferro; tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro” (Sal. 2:6-9).³ Segundo, o conceito de “Filho do homem” como designação para o Messias foi utilizado e desenvolvido pela literatura apocalíptica judaica posterior ao livro de Daniel. De facto, o *Livro das Parábolas de Enoque* (I Enoque 37-71) e os apocalipses de *IV Esdras* e *II Baruch* empregam o “Filho do homem” como personagem simbólica nas suas narrativas escatológicas. Em todas estas obras, o “Filho do homem” é o Messias pré-existente. É



certo que estes apocalipses datam apenas do primeiro século da nossa era. No entanto, eles mostram que havia entre os Judeus, pelo menos a partir dessa data, uma tradição interpretativa do sétimo capítulo de Daniel que via o personagem “semelhante ao Filho do homem” como sendo o pré-existente Messias de Israel. Assim, temos duas fortes razões para concluirmos que o personagem “semelhante ao Filho do homem” de Daniel 7 é a representação apocalíptica do Messias de Israel. Dado que a “pedra” do sonho de Daniel 2 é equivalente ao “Filho do homem”, e dado que Este é a representação do Messias, devemos concluir que a “pedra” do sonho de Daniel 2 é também o símbolo do Messias de Israel.

A pedra e as duas montanhas

Embora o paralelismo existente entre Daniel 2 e Daniel 7 nos tenha dado uma ajuda decisiva para descobrirmos o significado simbólico da “pedra” e das duas “montanhas”, podemos ir ainda mais longe. De facto, iremos ver em seguida as importantes pistas que as metáforas da Bíblia nos oferecem. Essas pistas ajudar-nos-ão decisivamente na tarefa de decifrar os símbolos – a “pedra” e as duas “montanhas” – que protagonizam a parte final do sonho de Nabucodonosor II.

A primeira montanha (*tûr*, no texto aramaico de Daniel 2), de onde procede a pedra que destrói a estátua (Dan. 2:45), simboliza o Deus Todo-Poderoso, que tem nas Suas mãos o destino da história humana. Na verdade, no Antigo Testamento a ideia de “montanha” (*har*, em hebraico) nunca é aplicada a Deus. No entanto, existe na língua hebraica uma palavra cognata do termo aramaico *tûr* (“montanha”). Trata-se

da palavra *tsûr*, que significa, em hebraico, “rochedo” ou “rocha”.⁴ Ora, os autores do Antigo Testamento referem-se frequentemente a Deus usando a palavra *tsûr*. Deus é mencionado nesses textos como a “Rocha” ou o “Rochedo” do povo de Israel e do crente fiel (Deut. 32:4, 18; I Sam. 2:2; II Sam. 22:3, 32, 47; Sal. 18:31, 46; Sal. 31:2 e 3; Isa. 26:4; Isa. 44:8; Hab. 1:12). Dado que Daniel escreveu o capítulo 2 em aramaico, a sua segunda língua, mas era um falante nativo do hebraico, é natural que ao usar o termo aramaico *tûr* (“montanha”) ele tivesse em mente *tsûr* (“rochedo”, “rocha”), o termo *cognato* em hebraico. Compreende-se, assim, que a montanha de onde procede a pedra destruidora é um símbolo do “Deus dos céus” que “fará erguer um reino que não será destruído” (Dan. 2:44). Na verdade, ao identificar Deus em Daniel 2:44 como sendo a causa primeira por detrás da origem do “reino” que resulta da pedra se transformar numa montanha que enche a Terra (Dan. 2:35c; cf. Dan. 2:44), Daniel está claramente a sugerir que Deus é a primeira “montanha”, a “montanha” de onde procede a pedra destruidora.

Esclarecido o significado da primeira montanha (Dan. 2:45), podemos agora interpretar o sentido simbólico da pedra que procede da montanha, que destrói a estátua e que cresce até se tornar também numa grande montanha que enche a Terra (Dan. 2:35c). Antes de mais, temos de ter presente que a “pedra” – *'eben*, em aramaico e hebraico – simboliza um agente que procede de Deus (representado pela primeira montanha) e que, portanto, participa da essência de Deus, como a pedra participa da substância rochosa da montanha. Quem é Este agente divino? Géne-

sis 49:24 e 25 aplica a imagem da “pedra” a Deus, chamando-Lhe “o Pastor e a Pedra [*'eben*] de Israel”. Isaías 8:14 e 15 refere-se também a Deus, afirmando que Ele será uma “Pedra [*'eben*] de tropeço” e uma “Rocha [*tsûr*] de escândalo” para o povo rebelde de Israel. No entanto, vimos atrás que Deus é representado pela montanha de onde procede a pedra. Como entender que a própria pedra também seja de natureza divina? A resposta encontra-se em duas importantes passagens do Antigo Testamento, que podem ser lidas num sentido messiânico e que fazem menção de uma “pedra” estabelecida por Deus. Trata-se do Salmo 118:22 e 23 e de Isaías 28:16. No primeiro texto, Deus faz de uma “pedra” (*'eben*) rejeitada a cabeça de esquina: “A Pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se cabeça da esquina. Foi o Senhor que fez isto, e é coisa maravilhosa aos nossos olhos.” No segundo texto, Deus coloca em Sião uma “pedra” (*'eben*) já provada como pedra preciosa de esquina: “Portanto, assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada: aquele que crer não se apresse.” É interessante que, neste segundo texto, a *Septuaginta* (a antiga versão grega dos LXX) oferece uma tradução que indica que o tradutor compreendeu o texto como fazendo referência ao Messias. Ora, em alguns textos do Antigo Testamento, o Messias é um Ser que não só procede de Deus, como também participa da essência de Deus (Miq. 5:2; Isa. 9:6). Assim se compreende que a imagem da “pedra” possa ser usada para designar tanto Deus, como o Seu Messias.

Na verdade, Jesus aplicou a Si mesmo as passagens do Salmo 118:22 e 23, de Isaías 8:14 e 15 e

de Daniel 2:34, 45, dando-lhe um claro sentido messiânico. Confrontado com a incredulidade dos Seus adversários, Jesus afirmou: “Que é isto que, pois, está escrito? A pedra que os edificadores reprovaram, essa foi feita cabeça de esquina. Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços e aquele sobre quem ela cair, será feito em pó” (Luc. 20:17 e 18; cf. Mat. 21:42, 44). Note-se que esta declaração de Jesus inclui uma citação do Salmo 118:22 (Luc. 20:17), uma alusão a Isaías 8:14 e 15 (Luc. 20:18a) e uma outra alusão a Daniel 2:34, 45, o texto que estamos a procurar interpretar neste artigo (Luc. 20:18b). Portanto, Jesus identifica-Se com a “pedra” rejeitada (em grego, *lithos*, tradução do hebraico *'eben*) que será posta como pedra de esquina (cf. Sal. 118:22), fazendo notar que essa pedra será uma pedra de tropeço para aqueles que a rejeitarem (cf. Isa. 8:14 e 15) e que ela cairá sobre aqueles que não a aceitarem, reduzindo-os a pó (cf. Dan. 2:34, 45). É especialmente importante a alusão que Jesus faz a Daniel 2:34, 45, pois ela mostra que Cristo não só considerava a “pedra” aí mencionada como sendo um símbolo do Messias, como também Se identificava com essa “pedra”. Temos, assim, que concluir que a “pedra” de Daniel 2:34, 45 é um símbolo do Messias de Israel, isto é, de Jesus Cristo.

Os discípulos de Jesus seguiram o exemplo do seu Mestre e deixaram claro no Novo Testamento que Jesus é a “pedra” messiânica de que fala o Antigo Testamento. Para além de Atos 4:11, em que Pedro declara que Jesus é a “pedra de esquina” rejeitada (aludindo a Sal. 118:22), temos dois textos importantes – um de Pedro e outro de Paulo – que identificam Jesus com a “pedra” (*li-*

thos, em grego). Em I Pedro 2:4-8, o apóstolo Pedro identifica Jesus com a “pedra [*lithos*] viva” “eleita” por Deus (v. 4). Para substanciar esta afirmação ele cita depois Isaías 28:6 (v. 6), Salmo 118:22 (v. 7) e termina a sua declaração sobre Jesus, a “pedra”, citando Isaías 8:14 (v. 8). Portanto, temos aqui uma forte declaração da messianidade de Jesus. Jesus é identificado por Pedro como sendo a “pedra” (*lithos*, que traduz *'eben*) referida nos textos messiânicos do Antigo Testamento. Em Romanos 9:32 e 33 temos a declaração do apóstolo Paulo, na qual este também identifica Jesus com a “pedra [*lithos*] de tropeço” e depois faz uma citação conjugada de Isaías 8:14 e Isaías 28:16 (Rom. 9:33), tal como estas passagens se encontram traduzidas na *Septuaginta*, dando assim as razões escriturísticas para a sua identificação de Jesus com a “pedra” messiânica. Ora, pelo que vimos antes, Pedro e Paulo limitam-se a seguir o exemplo do próprio Jesus, ao identificarem a “pedra” como sendo o Messias de Israel, isto é, Jesus Cristo. Assim, depois de termos compreendido o valor simbólico da “pedra” no Antigo e no Novo Testamentos, podemos concluir que a “pedra” de Daniel 2:34, 45 representa o Messias. Esse Messias é Jesus, o Cristo.⁵

Resta-nos decifrar o último elemento simbólico da segunda parte do sonho de Nabucodonosor II. O que é representado pela segunda “montanha”, isto é, pela montanha em que a pedra se transforma e que enche toda a Terra (Dan. 2:35c)? Daniel identifica claramente esta segunda montanha como sendo o símbolo do reino de Deus instaurado pelo Messias – a “pedra” – na Terra. De facto, o paralelismo entre Daniel 2:34 e 35 e Daniel 2:44 e 45 não deixa dúvi-

das. A “pedra” pulveriza a estátua e torna-se numa grande montanha que enche toda a Terra (Dan. 2:34 e 35). O “reino” que o Deus dos Céus fará erguer-se “pulverizará e destruirá todos estes reinos e se erguerá pelas eras” (Dan. 2:44). Aliás, este paralelo é claramente reafirmado nas declarações sobre o reino de Deus em Daniel 2:44 e 45. Assim, não é necessário procurar em outros textos do Antigo Testamento um uso simbólico da imagem da “montanha”, como fazem alguns comentadores, para decifrar o significado da segunda montanha de Daniel 2. Dito isto, resta fazer notar que o reino instaurado na Terra pelo Messias (a “pedra”) é representado por uma “montanha” (símbolo de Deus) precisamente porque ele é o reino de Deus e é fundado pelo Messias *oriundo de Deus*.⁶

O reino eterno de Deus

Podemos agora descodificar totalmente a segunda parte do sonho de Nabucodonosor II. O Messias (a “pedra”) é enviado por Deus (a primeira “montanha”) à Terra para destruir os reinos humanos (a “estátua”) e implantar aí o reino eterno de Deus (a segunda “montanha”). Portanto, podemos retirar as seguintes conclusões. Primeiro, a vinda do Messias – a “pedra” – ocorrerá “nos dias destes reis” (Dan. 2:44). Vimos no artigo anterior que “estes reis” são os dez reinos simbolizados pelos pés e pelos dez dedos de ferro e de cerâmica da estátua, que constituem o “reino dividido”. De facto, a “pedra” atinge a estátua nos seus pés (Dan. 2:34), o que indica que a sua ação se verificará na era em que o “reino dividido” exerce a hegemonia política. Vimos também no nosso artigo anterior que este “reino dividido” sucedeu ao

império romano, o quarto reino representado pelas pernas de ferro. Assim, a vinda do Messias, indicada no sonho pela imagem da pedra que procede da montanha, só poderia ocorrer após a substituição do quarto reino, o império romano, pelo “reino dividido”. Segundo, o reino eterno será estabelecido pelo próprio “Deus dos céus” (Dan. 2:44). A origem e a instauração sobrenatural do reino eterno são indicadas pelo facto de a “pedra” – o Messias – ser cortada da montanha “sem mão” (Dan. 2:34, 45). Esta expressão indica que a ação do Messias não depende de qualquer intervenção humana, mas é o resultado da intervenção direta de Deus (cf. Job 34:20; Lam. 4:6). Terceiro, o reino de Deus será triunfante. Ele destruirá todos os reinos humanos representados pela estátua (Dan. 2:34, 45a). De facto, o colosso é totalmente destruído

e os seus elementos constituintes desaparecem completamente (Dan. 2:34b e 35). Depois, o reino do Messias ocupa toda a extensão da Terra. Para descrever esta nova realidade, Daniel afirma que a “pedra” “tornou-se uma grande montanha e encheu a Terra” (Dan. 2:35c). Esta imagem ecoa a imagem usada em Isaías 11:9, onde é dito que no tempo do fim “a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar”. Quarto, o reino de Deus será eterno, pois é descrito como tendo a perenidade da rocha. Ele não passará a outro povo, pois ninguém o conquistará. Ele será indestrutível (Dan. 2:44). Note-se que o facto de nos ser dito que “o reino não passará a outro povo” significa que ele permanecerá sob o domínio de um determinado povo. Que povo é este? Dado que o reino eterno é instaurado por Deus, o povo

desse reino só pode ser o povo de Deus, isto é, “o povo dos santos do Altíssimo” (cf. Dan. 7:27).⁷

A Segunda Vinda do Messias

Interpretámos biblicamente o significado da “pedra” que destrói a estátua, da “montanha” de onde ela procede e da “montanha” em que ela se transforma; também concluímos que a ação da pedra, que destrói a estátua e se transforma numa grande montanha que enche a Terra, simboliza a vinda do Messias à Terra para destruir os reinos humanos e instaurar aí o reino de Deus. Mas, quando ocorrerá este importante evento? Alguns comentadores argumentam que o símbolo da pedra que destrói a estátua e se transforma numa montanha se refere à Primeira Vinda de Cristo, quando foi instaurado o “reino da graça” ao ser instituída a Igreja Cristã. Outros comentadores afirmam que o



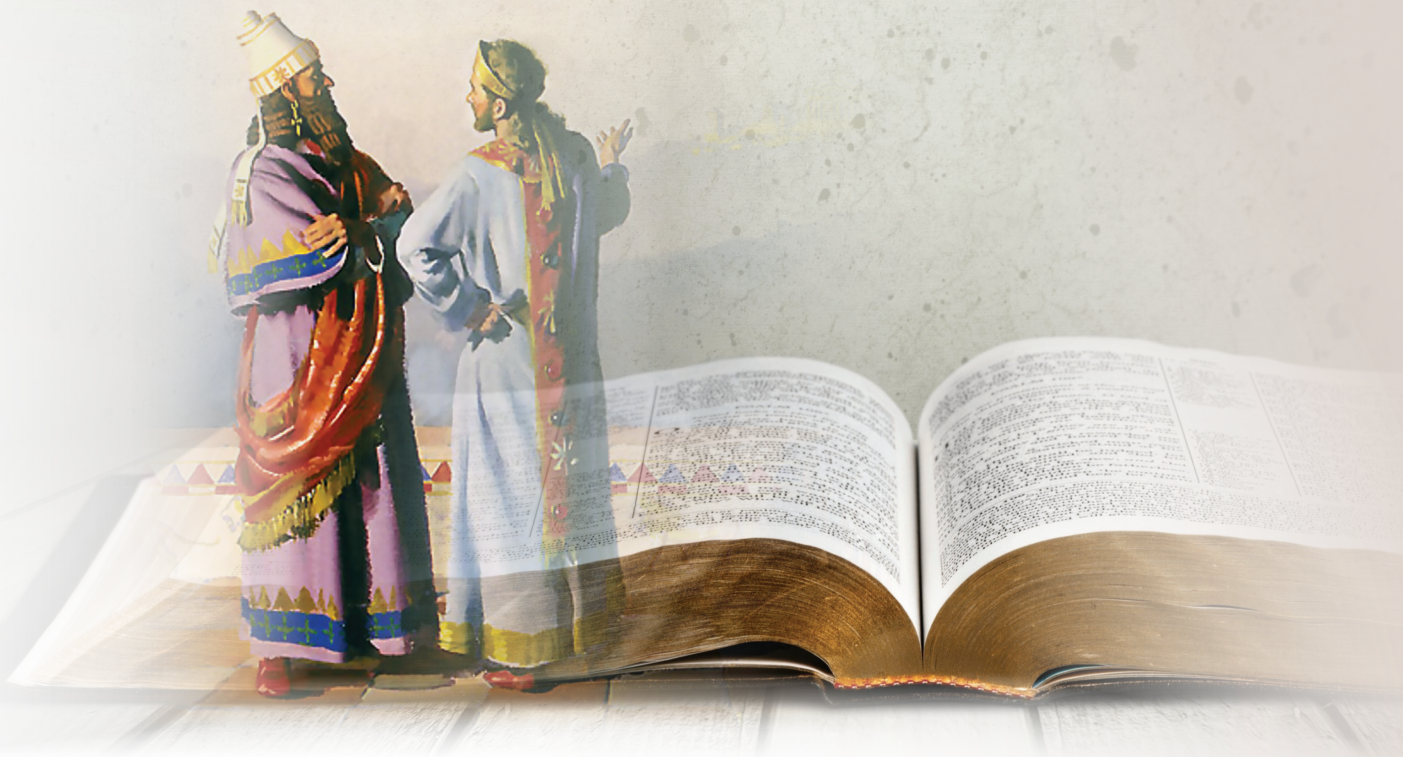
símbolo da pedra que destrói a estátua e se converte numa montanha se refere à Segunda Vinda de Cristo, quando será instaurado o “reino da glória”. Qual destas posições é a interpretação correta? Parece-nos que os argumentos a favor da segunda posição são determinantes.⁸

Primeiro, o caráter súbito e violento da instauração do reino de Deus, tal como esta é retratada pelo símbolo da pedra que embate contra a estátua e a destrói, corresponde melhor ao processo da Segunda Vinda de Cristo. A Primeira Vinda de Jesus não foi um evento súbito e violento. Na verdade, a descrição de Daniel 2:34 e 35, 44 e 45 é semelhante à descrição da Segunda Vinda noutras partes das Escrituras, que a retratam como uma catástrofe que vem pôr fim ao atual estado de coisas na Terra (Mat. 24:29-32; Apoc. 19:11-21). De facto, a descrição da ação da pedra que

atinge violentamente a estátua e a destrói completamente sugere que ela representa um evento catastrófico. Não um evento lento, como seria o desenvolvimento do reino da graça difundido pelo crescimento da Igreja Cristã após a Primeira Vinda de Jesus. Segundo, o reino de Deus instaurado pelo Messias representado pela pedra vem à existência “nos dias destes reis” (Dan. 2:44). Vimos no nosso artigo anterior que “estes reis” são os reinos que compõem o reino dividido representado pelos pés e dedos de ferro e de cerâmica. Ora, estes reinos sucederam ao império romano (simbolizado pelas pernas de ferro), pelo que ainda não existiam à data da incarnação e do ministério terrestre de Cristo. Logo, a ação destrutiva da pedra não pode simbolizar a Primeira Vinda de Cristo. Ela simboliza a Segunda Vinda. Terceiro, o texto de Daniel 2:34 é claro ao afirmar que, no momento em que

a pedra messiânica embate na estátua, o poder político é detido pelo reino dividido composto pelos dez dedos de ferro e cerâmica que *sucedeu* ao reino das pernas de ferro (o império romano). Ora, no Primeiro Advento de Cristo quem detinha a hegemonia política era o império romano e este império continuou ainda a deter essa hegemonia por várias centenas de anos após a ascensão de Jesus. O período do reino dividido simbolizado pelos pés e dedos de ferro e cerâmica ainda não tinha chegado. Portanto, o golpe da pedra nos pés da estátua não pode simbolizar o Primeiro Advento de Cristo, mas deve simbolizar o Seu Segundo Advento. Quarto, os reinos humanos representados pela estátua eram reinos políticos. Logo, o reino fundado pela ação da pedra messiânica, que os substitui, também será um reino político. Por isso nos é dito que a pedra se transforma numa montanha que enche a Terra (Dan. 2:35). Portanto, o reino de Deus instaurado pela pedra não é um reino meramente espiritual. Assim, ele não é o reino da graça instaurado aquando do Primeiro Advento de Cristo. Trata-se, antes, do reino da glória instaurado pelo Segundo Advento de Jesus. Quinto, o reino de Deus instaurado pela pedra não coexiste com os outros reinos terrestres, mas destrói imediatamente a estátua que representa esses reinos. Ora, Cristo não destruiu os reinos humanos representados pela estátua aquando da Sua Primeira Vinda, mas fá-lo-á quando vier pela segunda vez. Sexto, a estátua representa o curso da história política humana e a pedra atinge a estátua nos pés, isto é, no termo do curso da referida história. Portanto, isto significa que a história política humana terá totalmente transcorrido quando a pedra atinge a estátua e a destrói.





Assim, é evidente que o reino de Deus é um reino escatológico. Não será estabelecido ao longo da história humana, mas no seu fim. Na verdade, o reino surgido da ação da pedra põe fim à história política humana. Logo, ele não pode representar o reino da graça instaurado por Jesus no Seu Primeiro Advento, mas deve representar o reino da glória a fundar no Segundo Advento de Cristo. Por fim, a Bíblia ensina claramente que a instauração do reino de Deus ainda estava no futuro quando Jesus celebrou a ceia pascal (Mat. 26:29). Cristo não instaurou o reino de Deus antes da Sua ascensão (Act. 1:6). O reino de Deus será instaurado quando Cristo vier julgar os vivos e os mortos (II Tim. 4:1). Ora, isto só ocorrerá quando Ele vier na Sua glória, com todos os Seus anjos (Mat. 25:31-34). Portanto, o reino eterno de Deus será fundado aquando da Segunda Vinda de Cristo.⁹

Conclusão

Concluimos, assim, a interpretação do texto do segundo capítulo de Daniel, que nos apresenta a instauração do reino de Deus na

Terra. Tendo terminado a exegese do sonho de Nabucodonosor II relatado por Daniel, estamos agora em condições de proceder à interpretação histórica do “reino dividido” (isto é, do símbolo dos pés e dos dedos de ferro e de cerâmica da estátua), identificando a entidade histórica representada por esse “reino”. Portanto, no próximo artigo iremos argumentar no sentido de mostrar que o último avatar do “reino dividido” mais não é do que a fase final da evolução política da Europa das nações, fase essa que ocorrerá no tempo do fim e que se consubstanciará na criação de uma Federação ou de uma Confederação das nações europeias imediatamente antes da Segunda Vinda de Cristo. Mas isto veremos detalhadamente no próximo artigo. ¶

• Paulo Lima

Redator da Revista Adventista

1. Paulo Lima, “O destino da Europa – O reino dividido e o reino eterno de Daniel 2 (Parte I)”, *Revista Adventista*, março de 2016, nº 826, pp. 24-31.

2. Veja-se James A. Montgomery, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel* (The International Critical Commentary), Edinburgh: T. & T. Clark, 1972 (1ª ed. 1927), p. 61; Samuel R. Driver, *The Book of Daniel*, Cambridge: Cambridge University Press, 1900

[Fac-símile ed., Forgotten Books, 2012], p. 94; Ernest C. Lucas, *Daniel* (Apollos Old Testament Commentary, vol. 20), Dowers Grove/Nottingham: IUP Academic/Appolos, 2002, p. 76; Louis F. Hartman & Alexander A. Di Lella, *The Book of Daniel* (The Anchor Yale Bible, vol. 23), New Haven: Yale University Press, 2005 (1st ed. 1978), p. 149; Maximiliano Garcia Cordero, *Biblia Comentada*, 2ª ed., Madrid: La Editorial Católica, 1967, 3 vols, Vol. III – Libros Proféticos, p. 1001.

3. Veja-se Arthur J. Ferch, *The Son of Man in Daniel 7*, Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1979, pp. 78-82, onde são indicadas as características messiânicas do “Filho do homem”.

4. Jacques B. Doukhan, *Secrets of Daniel – Wisdom and Dreams of a Jewish Prince in Exile*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, p. 38.

5. Contra a interpretação messiânica da “pedra” veja-se Ernest C. Lucas, *Op. cit.*, p. 80; Louis F. Hartman & Alexander A. Di Lella, *Op. cit.*, pp. 149 e 150; Carol A. Newsom, *Daniel – A Commentary* (The Old Testament Library), Louisville, Ken.: Westminster John Knox Press, 2014, p. 83.

6. Para uma breve história das interpretações do reino de Deus mencionado em Daniel 2:44 veja-se Gerhard Pfandl, “Interpretations of the Kingdom of God in Daniel 2:44”, *Andrews University Seminary Studies*, 34(2), Autumn 1996, pp. 249-268; Douglas Bennett, “The Stone Kingdom of Daniel 2”, in Frank B. Holbrook (ed.), *Symposium on Daniel* (Daniel and Revelation Committee Series, vol. 2), Washington, DC: Biblical Research Institute, 1986, pp. 331-377.

7. Stephen R. Miller, *Daniel* (The New American Commentary, vol. 18), Nashville, Tenn.: B. & H., 1994, pp. 100 e 101.

8. Andrew E. Steinmann, *Daniel* (Concordia Commentary), Saint Louis: Concordia Publishing House, 2008, pp. 136 e 137, e Edward J. Young, *The Prophecy of Daniel – A Commentary*, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1980 (1st ed., 1949), pp. 76-78, argumentam a favor da primeira posição, isto é, defendem que a ação da “pedra” representa a Primeira Vinda de Jesus.

9. Douglas Bennett, *Art. cit.*, pp. 351-353; Stephen R. Miller, *Op. cit.*, pp. 100 e 101; Uriah Smith, *The Prophecies of Daniel and the Revelation*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1972 (1st ed. Rev. 1944), pp. 64 e 65.

Notando *onde* Deus *já* está a *trabalhar*

Eu sei que falamos frequentemente sobre um “interesse reservado”, mas as últimas duas décadas ensinaram-me que ele não existe. Se alguém mostrar ter interesse no que tens a dizer sobre Cristo, é porque Deus já tem estado a agir sobre essa pessoa.

Quando Pedro batizou 3000 num dia, a sua audiência era composta por “varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu” (Atos 2:5). Eles já tinham

uma inclinação espiritual. O eunuco etíope? Já estava a estudar o livro de Isaías antes de Filipe lhe ter dado um estudo bíblico. Saulo de Tarso? Já havia tido um encontro com Cristo antes de Ananias aparecer. Cornélio, o primeiro converso gentio? Já era um “homem devoto” que dava esmola das suas posses.

Deus toma sempre a iniciativa

Cada vez que alguém vem a Cristo, descobre-se que Deus já estava a trabalhar com essa pessoa muito

antes de nós aparecermos. Deus já tinha tocado no coração e tinha feito com que a pessoa se interessasse em buscá-l'O. Paulo é incisivo nas suas observações: “Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (I Cor. 2:14).

John Wesley teria falado deste fenómeno usando a expressão “graça preveniente”. Ele desenvolveu uma ideia que alguns



considerariam ser uma posição intermédia no debate Calvinista-Arminiano. Deus preserva a Sua soberania, dando o primeiro passo no coração do pecador. Ele desperta a consciência, tornando a pessoa espiritualmente receptiva – mas o indivíduo retém a capacidade de escolher. Este pode responder ou recusar. A ideia de Wesley ajusta-se aos dados bíblicos: Deus suscita o interesse espiritual na mente do pecador, e *depois* Ele envia o pregador ou o mestre.

O meu testemunho pessoal

Isto foi verdade também no meu caso. Um caminho que me levava diretamente à Igreja foi estabelecido no momento em que a Primeira Guerra do Golfo rebentou nos anos iniciais da década de 1990. Esse evento prendeu completamente a minha atenção. Todas as tardes eu estava pregado à minha televisão. Eu também ouvi um sem número de comentadores evangélicos que especulavam que o passo seguinte seria a Rússia juntar-se às nações Árabes e dar início à batalha do Armagedom.

Esta era uma conjuntura irresistível porque eu, quando era mais novo, tinha lido *The Late Great Planet Earth*. Muito do que Hal Lindsey tinha escrito não fazia sentido. Mas então a guerra começou alguns anos depois; e durante um momento eu dei por mim a interrogar-me: *Será que ele tinha razão?* Parte do que estava a acontecer no Iraque parecia encaixar-se nas predições dos pregadores dispensacionalistas: O mundo em guerra no Médio Oriente, ameaças contra Israel, os rumores de que Saddam Hussein se considerava um moderno Nabucodonosor, com planos para reconstruir a cidade de Babilónia.

Mas de onde proveio o meu forte e repentino interesse? Eu

tinha lido o livro do Apocalipse quando era criança, mas o meu crescimento não oferecera muito no que tocava ao estudo ou à interpretação das profecias. As igrejas que eu tinha frequentado tratavam o livro do Apocalipse como um apêndice misterioso ao que se poderia considerar a parte mais séria das Escrituras. Eu nunca ouvi um sermão baseado no Apocalipse.

Assim sendo, por que razão estaria eu obcecado com a ideia de que o mundo poderia estar prestes a acabar? Porque era isto tão dramaticamente irresistível? Pode parecer estranho, mas, de certo modo, Hal Lindsey pode, de facto, ter-me ajudado a aderir à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Apesar das falhas óbvias do seu livro, os seus escritos provaram ser um catalisador. Ele comunicava um sentido de urgência aos seus leitores. Ele deu à sua audiência um senso claro de que já não estamos na normalidade histórica no que tocava ao planeta Terra e, nesse sentido, ele estava certo.

Vendo as coisas *a posteriori*, eu posso facilmente identificar muitos outros fatores que contribuíram para a minha chegada à porta da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Alguns foram subtis, outros dramáticos, até mesmo miraculosos. Uma mão invisível coreografou cuidadosamente a minha jornada até que cheguei ao batistério, sempre sem violar a minha liberdade de consciência.

O pastor e o evangelista foram simplesmente o contacto final antes da minha decisão. Deus fez tudo o resto. Eu conheci dezenas de milhares de novos Adventistas ao longo das duas últimas décadas e todos eles contam a mesma história sobre a sua conversão: Ela aconteceu ao longo de vários anos e foi Deus que agiu.

O interesse corrente nos eventos do tempo do fim

Descobri que pouca coisa prende tanto a atenção do público como a Segunda Vinda e os temas apocalípticos. Isto desafia a sabedoria convencional dos comités de Igreja, que têm insistido cada vez mais em dizer que precisamos de uma nova abordagem ao público, uma abordagem sem bestas ou bombas atômicas. E, de vez em quando, eu tenho experimentado atrair o público com outros temas. Mas nada atrai uma multidão como uma palestra sobre o fim do mundo.

Há já alguns anos tenho posto um simples folheto no correio, convidando pessoas a realizar estudos bíblicos. Algumas ficam inquietas quando veem o que eu mandei imprimir no folheto: Está interessado na Profecia Bíblica? “Diga-me que não vai pôr isso no correio! Nesta época da História? Estamos no mundo pós-moderno e secular!”

Não há uma maneira de eu interessar uma pessoa verdadeiramente secular numa apresentação espiritual. Mas eu também sei que agora mesmo, neste momento exato, Deus está ocupado, em cada comunidade, a acordar as pessoas.

O mesmo é verdade no que toca ao anúncio de reuniões evangelísticas. As pessoas têm tentado convencer-me de que chegou o tempo de abandonar o uso da profecia em reuniões evangelísticas. E há, naturalmente, lugar para outras abordagens. Não existem duas pessoas iguais; Deus trabalha com as pessoas em várias frentes, usando muitos assuntos diferentes. Mas todas as vezes que eu anuncio palestras sobre o Apocalipse, o salão de conferências fica cheio. E mantém-se cheio durante semanas.

Olhe com atenção para a indústria do entretenimento, em que os presidentes executivos gastam

milhões na realização de estudos de mercado. Dê uma vista de olhos aos programas de televisão disponíveis e note o grande número deles que têm um conteúdo apocalíptico. Eles emitem estes programas porque a audiência tem interesse neles. Eles não são guiados por uma convicção evangelística, mas pelos seus interesses. E o Apocalipse vende; mais do que nunca.

Em 2014, cerca de metade dos Americanos (49%) acreditava que os padrões climáticos desregulados são um sinal do fim do mundo. Em 2011, eles eram apenas 44%. É verdade que a América é um país que ainda é, em grande medida, cristão. Mas mesmo entre os que não estão ligados a qualquer religião, cerca de um terço acredita que as mudanças climáticas são um sinal de um Apocalipse iminente. Essas pessoas são a nossa audiência. Elas já estão despertas, tentando compreender um mundo em rápida mudança.

Uma mensagem relevante para o século XXI

É importante lembrar que o século XXI não apanhou Deus de surpresa. Ele não falhou em antecipar a vinda do secularismo ou da geração pós-moderna; de facto, o pós-modernismo estava a ser formado na mente dos filósofos no exato momento em que o movimento do Segundo Advento estava a lançar raízes.

A experiência mostrou-me que, na verdade, a nossa mensagem alcança ainda melhor esta geração atual. Eu tenho agora melhores audiências do que tinha há vinte anos, e isso deve-se ao facto de Deus ter estado ocupado a criar a audiência. De facto, as minhas melhores audiências são quase sempre em lugares que são tradicionalmente difíceis ou notoriamente des cristianizados. Há milhares de pessoas

PREGAR SOBRE A SEGUNDA VINDA FUNCIONA, PORQUE HÁ UM SENSO CRESCENTE DE INQUIETAÇÃO NO CORAÇÃO DE MUITA GENTE.

que estão a passar pela mesma experiência por que eu passei há alguns anos. Elas podem receber as suas afirmações com ceticismo; elas podem até ser ostensivelmente críticas. Mas isso não significa que elas não estão interessadas. Poderá significar que não está a abordá-las do modo correto. É importante compreender que nós não estamos na atividade de converter pessoas; a nossa atividade é encontrar as pessoas que Deus está a converter.

Algumas pessoas têm perguntado por que razão eu continuo a usar o segundo capítulo de Daniel como tópico para a noite de abertura de uma campanha. A resposta é simples: *Porque funciona*. Eu nunca vi algo captar – e manter – a atenção como aquela estátua. Para o Cristão (ou para alguém de uma cultura cristã), o sonho de Nabucodonosor parece entusiasmante, porque fornece uma afirmação poderosa e clara de que a Bíblia merece confiança. Para o não Cristão, é como um balde de água gelada – uma prova paralisante de que a Bíblia não é um livro comum e que alguém ou algo deve estar a trabalhar por detrás das cenas. O segundo capítulo de Daniel exige que se lhe dê atenção, e fala poderosamente ao interesse profundo, ao senso da eternidade, que Deus coloca no coração humano.

Mas abordar o público com o tema da Segunda Vinda também faz sentido. Eu tenho inaugurado palestras com todo o tipo de tópicos ao longo dos anos, mas nada tem capturado e mantido audiências como o tema do regresso de Cristo.

Conclusão

Se conhece alguém pessoalmente, pode começar a sua discussão espiritual com ela com qualquer tópico, especialmente se esse é o tópico em que ela está mais interessada. Mas quando se trata de abordar uma grande audiência, a melhor estratégia é seguir, passo a passo, a ordem dos temas que Deus usou para construir inicialmente este movimento. Ele começou com a Segunda Vinda e depois prosseguiu com a mensagem de Apocalipse 14.

Pregar sobre a Segunda Vinda funciona, porque há um senso crescente de inquietação no coração de muita gente, bem como uma luta para compreender um mundo cada vez mais confuso. O tópico da Segunda Vinda funciona, porque responde à inquietação que Deus coloca no coração. Ele funciona, porque Deus fez com que ele fosse eficaz. Cada vez que pregar esse tema, Deus já preparou uma audiência para ele.

Cada vez que começo uma campanha pública, eu oro com um só pedido: Senhor, enche estes assentos com as pessoas que têm estado a ouvir a Tua voz. Permite-me dar-lhes o que Tu me deste quando eu vim a uma destas reuniões. Faz com que elas reconheçam que a Voz que fala neste Livro é a mesma Voz que tem estado a segredar ao seu coração, há anos. Faz com que elas reconheçam este momento como o momento delas, o momento em que elas finalmente chegarão ao seu lar.

Este é o tipo de oração a que Deus gosta de responder, porque Ele tem estado à espera que nós notemos onde é que Ele já está a trabalhar. ✨

• Shawn Boonstra

Diretor e Orador de Voice of Prophecy

Tem correio

Conta-se a história de um soldado que estava aquartelado a milhares de quilômetros da sua noiva. O James colocava todo o seu coração nas cartas que escrevia à Sallie, como se ela estivesse ali mesmo ao seu lado. A única coisa que os mantinha unidos eram as cartas que eles trocavam. Mas os serviços postais eram irregulares e, por vezes, a Sallie interrogava-se sobre o que o James estava a fazer ou a pensar. Havia mesmo momentos em que ela se interrogava sobre o amor do James. O James era fiel ao seu compromisso de escrever à Sallie, mas frequentemente as suas cartas perdiam-se ou eram entregues num endereço errado. Houve uma ocasião em que ele escreveu uma carta onde declarava todo o seu amor por ela e onde lhe prometia fidelidade eterna. Mas a carta que poderia ter aprofundado o amor do casal acabou por se perder no posto de correios de São Francisco. Algum tempo mais tarde, o James e a Sallie casaram. Muitos anos

depois, quando comemoraram as bodas de diamante, eles lembraram aqueles anos de separação no namoro, quando cada um deles esperava ansiosamente que o outro escrevesse. Eles refletiram sobre o desapontamento que sentiam quando o outro parecia ficar em silêncio. Entretanto, o velho posto dos correios foi desativado e uma carta do James para a Sallie com mais de cinquenta anos foi descoberta por um trabalhador dos correios chamado Bob. Este decidiu entregar a velha carta de amor à Sallie. A Sallie abriu-a e não pode conter as lágrimas de alegria ao ler o seu conteúdo. Ela verificou a data e percebeu que, mesmo em tempos de aparente silêncio, o James continuava a comunicar-lhe o seu amor. Só que a mensagem nunca tinha chegado até ela. Até que ponto é a Bíblia uma carta de amor de Deus para o seu povo? 

Retirado da revista *Guide*

O que realmente conta

QUANDO DEUS NOS DESAFIA A GUARDAR A ETERNIDADE NO NOSSO CORAÇÃO

Ele podia ter feito melhor. O homem a quem todos chamavam “Bendito” simplesmente não se sentia bendito. Baruch tinha frequentado as melhores escolas. Ele tinha sido formado para ocupar um dos postos mais elevados da corte real. O seu irmão estava ao serviço da corte como “oficial” (Jer. 51:59, *BPT*) de Zedequias, o último rei de Judá. Pode ver-se uma bula (um selo de barro aplicado a um documento) que traz o seu nome e o nome do seu pai no Museu de Israel, em Jerusalém.¹ A sua família era parte da elite de Jerusalém. E, no entanto, Baruch não se tinha empregado ao serviço da corte como um dos escribas reais. A vida de Baruch tomou um rumo diferente – um rumo cheio de desapontamentos, de perseguições, de dor e da omnipresente “Palavra do Senhor”.

Escolhas de vida

Houve um dia em que Baruch conheceu Jeremias, o profeta, e de algum modo o ministério de Jeremias tornou-se também no seu ministério. Ele tinha escrito o que Jeremias tinha ouvido e visto (Jer. 36:4; 45:1). Ele tinha até ido ao Templo enquanto porta-voz de Jeremias e tinha lido a mensagem de Deus quando Jeremias esteve impossibilitado de o fazer por si mesmo (Jer. 36:5-10). O seu envolvimento com Jeremias significava que ele não teria um lugar lucrativo no palácio do rei. Esse envolvimento colocava Baruch, o bendito, diretamente à mercê de críticas infundáveis e de uma perseguição implacável. Significava que Baruch viveria constantemente no limite. Acabou por levar a uma imigração forçada para o Egito (Jer. 43:1-7) e à mor-

te longe do lar. Seguramente isto não é um epitáfio emocionante.

No entanto, mais de 2500 anos após a morte de Baruch, nós ainda nos lembramos dele. Sem o seu ministério, o ministério de Jeremias não teria sido tão difundido como realmente foi. Sem o compromisso de Baruch com a Palavra, teriam chegado até nós poucas palavras de Jeremias. Não podemos esquecer Baruch – e Deus também não o esqueceu.

Não ficou esquecido

É fácil interrogarmo-nos sobre as nossas escolhas na vida quando as coisas não estão a correr bem. Baruch fê-lo seguramente. Ele deve ter-se sentido frequentemente bastante só. Tendo sido um privilegiado membro da elite, ele tinha-se tornado num excluído cuja associação com o profeta de Deus não tinha, aparentemente, incluído qualquer arrogância visível. Ou, pelo menos, assim pensou ele.

Um capítulo curto (Jer. 45), escrito por volta de 605 a.C., durante o quarto ano do reinado do rei Joaquim, é exclusivamente dirigido a

Baruch. Imagine a cena apenas por um momento: como se sentiria, se Deus enviasse uma mensagem pessoal diretamente para si? Ela tratá-lo-ia pelo nome, comunicaria algum assunto particular que apenas você conheceria e forneceria a perspectiva de Deus sobre esse assunto. Eu imagino que Baruch deve ter-se sentido extasiado. O ano 605 a.C. é o primeiro em que sabemos que Baruch redigiu as palavras de Jeremias (Jer. 36). Pode ter sido o começo da amizade de Jeremias e Baruch. Num mundo que está constantemente em busca de coisas maiores, mais amplas, mais fortes, mais duradouras – e ainda mais para além disso – podemos aprender lições valiosas com a mensagem de Deus enviada a Baruch sobre aquilo que realmente interessa.

1. Deus sabe tudo sobre o assunto. Em momentos de crise, sentimo-nos frequentemente isolados. Estamos a sofrer, debatemo-nos para ver para além da questão que nos enegrece o dia, a nossa visão é limitada e centra-se no nosso interior. Deus sabe disso. “Disseste: Ai de mim, agora! Porque me acrescentou o Senhor tristeza à minha dor: estou cansado do meu gemido, e não acho descanso” (Jer. 45:3).

2. Deus compromete-Se connosco. Deus não apenas sabe como nos estamos a sentir e conhece o que estamos a meditar, mas Ele sabe, tal como nós sabemos nos nossos momentos de lucidez, que se trava ao nosso redor uma batalha de dimensões cósmicas. Por vezes podemos sentir-nos como peões nesta batalha. No entanto, em última análise, podemos ver que Deus está verdadeiramente no controlo da situação. “Eis que o que edifiquei eu derrubo e o que plantei eu arranco” (Jer. 45:4).

3. Deus desafia-nos. Quando as coisas se complicam e nós nos

debateamos para manter a fé, a esperança e o amor, precisamos frequentemente de ser desafiados. O nosso Pai celestial, o grande educador e o principal conselheiro, sabe disso. “E procuras tu grandezas? Não as busques; porque eis que trarei mal sobre toda a carne, diz o Senhor” (Jer. 45:5). “Busca aquilo que pode alcançar a eternidade”, podemos ouvir Deus dizer, “não te foques no que seguramente perecerá”.

4. Deus salva-nos. A mensagem especial enviada a Baruch não terminou com um desafio. Ela é concluída por uma promessa de salvação. Sim, a vida pode ser dura e nós podemos sentir as nódoas negras e os desapontamentos que ela provoca, mas enquanto filhos de um Pai amoroso, podemos estar seguros de que Deus quer salvar-nos – de nós mesmos, da dor e do sofrimento, de más escolhas. “A ti, porém, darei a tua alma por despojo, em todos os lugares para onde fores” (Jer. 45:5).

A eternidade no nosso coração

A história de Baruch é um bom lembrete da existência do grande conflito que se desenrola na nossa vida. Ele não tinha sido esquecido; Deus comprometeu-Se com ele; Deus desafiou-o; e Deus salvou-o. Ele faz o mesmo connosco. A história de Baruch também nos desafia a olharmos para o que realmente importa.

Enquanto estudava no Seminário de Schloss Bogenhofen, na Áustria, há cerca de três décadas, fui abençoado por participar numa Semana de Oração dirigida por um dos mais proeminentes evangelistas da Alemanha, o Pastor Kurt Hasel. Os seus sermões eram bem construídos, as suas ilustrações acertavam em cheio, a sua pregação era agradável – mas eu esqueci os sermões,

a maior parte das ilustrações e o seu modo de pregar. No entanto, há uma única pergunta feita por ele de que eu me lembro quase todos os dias. De facto, eu já a partilhei muitas vezes com as minhas filhas adolescentes, à medida que elas viajam na estrada (por vezes) assustadora e (frequentemente) desafiadora que conduz à maturidade. *Aquilo que tu fazes hoje fará a diferença na eternidade?*

O ministério discreto de Baruch não lhe assegurou a posse de uma excelente propriedade em Jerusalém, nem um grande ordenado vindo do tesouro real. Perante o avanço do exército babilónio, ele percebera que as coisas que atravancam a nossa vida são apenas isso – coisas. Houve um dia, na parte final do sétimo século a.C., em que Baruch tomou uma decisão que fez a diferença para a eternidade. Apesar das nódoas negras, dos desapontamentos e das perguntas sem resposta, ele apegou-se a essa decisão. A sua vida desafia-nos a olharmos para o que realmente conta. O seu serviço lembra-nos de que, de forma destacada ou discreta, também nós podemos fazer a diferença. As suas decisões encorajam-nos a ouvir cuidadosamente o ritmo da eternidade no nosso coração. De forma ténue, mas, no entanto, audível, ele fala-nos de uma nova manhã sem nódoas negras, doença, desapontamento e dor. Aquilo que fazemos hoje fará a diferença para a eternidade? 🌿

• Gerald A. Klingbeil
Teólogo

1. O selo na bula diz o seguinte: “Pertence a Berek-yahu, filho de Neriyahu, o escriba.” Berek-yahu e Neriyahu são as formas alongadas dos nomes Baruch e Neria. Veja Nahman Avigad e Benjamin Sass, *Corpus of West Semitic Stamps*, Jerusalem: Israel Academy of Sciences and Humanities/Israel Exploration Society/Institute of Archaeology, Hebrew University of Jerusalem, 1997, pp. 175 e 176.

Participe na distribuição nacional do livro missionário!

“Vinde a mim, todos os que
estais cansados e oprimidos,
e eu vos aliviarei.” Mateus 11:28.